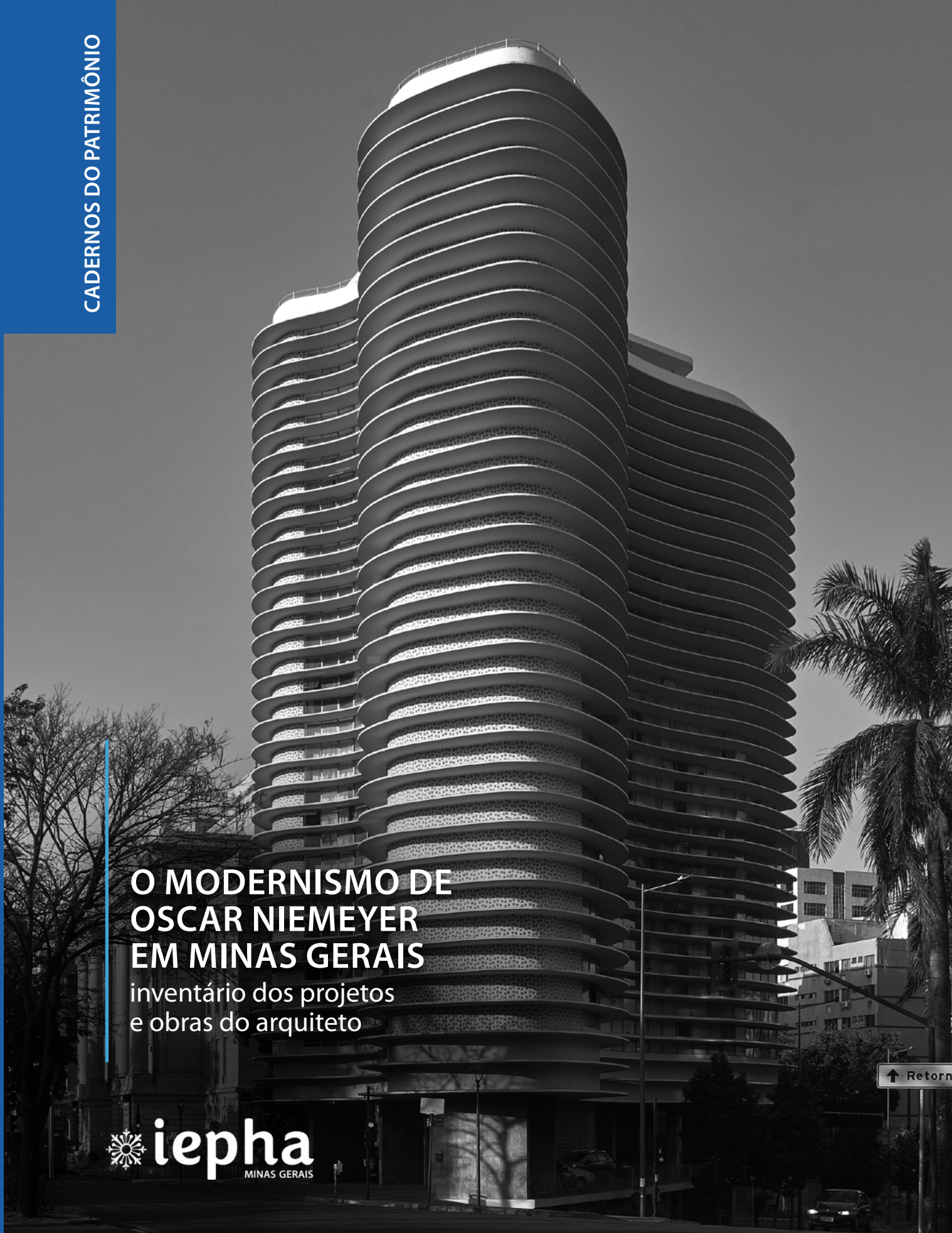
CADERNOS DO PATRIMÔNIO



O MODERNISMO DE OSCAR NIEMEYER EM MINAS GERAIS

inventário dos projetos e obras do arquiteto

iepha
MINAS GERAIS

Ficha catalográfica

M689 O modernismo de Oscar Niemeyer em Minas Gerais : inventário dos projetos e obras do arquiteto / Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais. – Belo Horizonte: Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, 2023.
66 p. : il. ; 26 cm. – (Cadernos do Patrimônio)

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-980614-0-1

1. Arquitetura moderna – Minas Gerais 2. Niemeyer, Oscar, 1907-20123. Arquitetos brasileiros. 4. Arquitetura – Minas Gerais 5. Patrimônio cultural. I. Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais

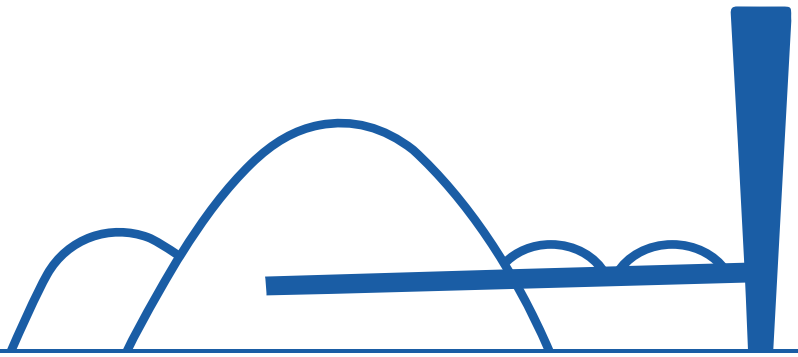
CDD – 724.91

Andréa Santos Xavier – crb6 1050

CADERNOS DO PATRIMÔNIO

O MODERNISMO DE OSCAR NIEMEYER EM MINAS GERAIS

inventário dos projetos e obras do arquiteto



BELO HORIZONTE, 2023

Apresentação 12

Oscar Niemeyer: o arquiteto e sua relação com Minas Gerais 15

O inventário 21

a. Projetos 24

b. Obras 29

c. A arte integrada à obra de Niemeyer 43

Considerações finais 53

Relação de projetos, obras e elementos artísticos integrados às obras 55

Referências 59

Equipe técnica 63

Cidade Administrativa, Belo Horizonte
Foto de Jomar Bragança

Oscar Niemeyer e Minas Gerais: uma conexão de beleza e vanguarda

A relação entre Oscar Niemeyer e o estado de Minas Gerais é profundamente enraizada em uma conexão artística, cultural e histórica. Ao longo de sua trajetória, Niemeyer deixou um legado de projetos arquitetônicos inovadores e ousados em várias partes do mundo. Mas foi em Minas Gerais, que sua obra floresceu, anunciando a maturidade da arquitetura moderna brasileira, a partir da criação do Conjunto Arquitetônico da Pampulha.

Esse foi o primeiro grande projeto de Niemeyer em Minas Gerais, e, quando concebido, compreendia cinco construções: um cassino, uma igreja, uma casa de baile, um clube e um hotel. Com exceção do último, que não foi edificado, o complexo foi inaugurado em 16 de maio de 1943, completando oito décadas neste ano. A Pampulha foi o primeiro bem cultural a receber o título de Paisagem Cultural do Patrimônio Moderno.

Comissionado pelo então prefeito Juscelino Kubitschek, Niemeyer trouxe a público uma série de edifícios que se tornaram ícones da arquitetura moderna brasileira. A Igreja de São Francisco de Assis, com suas curvas sinuosas e ousadas, e a Casa do Baile, com seu design elegante e futurista, são exemplos de sua genialidade em harmonizar a arquitetura com o entorno natural.

Niemeyer transformou a paisagem de Belo Horizonte, e essa experiência na cidade moldou também sua visão revolucionária do espaço. No Conjunto Arquitetônico da Pampulha, já podemos verificar alguns princípios também expostos pelo mestre da arquitetura moderna Le Corbusier, mas utilizados por Niemeyer com uma linguagem própria e claramente influenciada por uma cultura da brasilidade que mais tarde originaria Brasília.

A Pampulha, tal como a modernidade brasileira, foi além do racionalismo europeu na arquitetura ou do rompimento com o passado nas vanguardas artísticas. Como seu precedente, o rococó de Aleijadinho, Niemeyer inseriu em suas formas, a curva e a beleza enquanto elemento fundante. O próprio Le Corbusier passou a fazer da natureza um tema e, em contrapartida, a arquitetura brasileira assumiu a inspiração no legado do arquiteto francês.

Além da Pampulha, Niemeyer também deixou sua marca em cidades de Minas Gerais. São exemplos o Grande Hotel de Ouro Preto, o Hotel Tijuco, em Diamantina, o Monumento a Tancredo Neves, em Juiz de Fora, e o Memorial Carlos Drummond de Andrade, em Itabira.

A relação entre Oscar Niemeyer e Minas Gerais transcende o aspecto físico das construções. Há uma afinidade cultural profunda que se manifesta em sua arquitetura. A ousadia, a liberdade criativa e a busca pela beleza são traços que permeiam tanto a essência de Minas Gerais quanto o legado do arquiteto.

LEÔNIDAS OLIVEIRA
Secretário de Estado de Cultura e Turismo de Minas Gerais

Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico – IEPHA-MG

É com grande prazer que o Iepha-MG publica mais uma edição dos Cadernos do Patrimônio Cultural, cumprindo seu objetivo de dar publicidade aos estudos e pesquisas do Instituto, observando sua competência estatutária de pesquisar, identificar, proteger e promover o patrimônio cultural mineiro. O tema desta edição - o inventário dos projetos e obras do arquiteto Oscar Niemeyer - tem importância que ultrapassa o campo da arquitetura.

A relação do arquiteto com Minas Gerais foi de vanguarda, iniciando pelo projeto moderno do Grande Hotel de Ouro Preto, tão bem analisado pelo arquiteto Lúcio Costa: "De excepcional pureza de linhas e de muito equilíbrio plástico é, na verdade, uma obra de arte e, como tal, não deverá estranhar a vizinhança de outra obra de arte, embora diferentes, porque a boa arquitetura de um determinado período vai sempre bem com a de qualquer período anterior, o que não combina com coisa nenhuma é a falta de arquitetura. (...)". Esta avaliação do Dr. Lúcio caracterizou-se em um paradigma para a ação dos órgãos de patrimônio cultural.

A pesquisa realizada pelos técnicos do IEPHA-MG joga luz sobre a contribuição de Niemeyer para a arquitetura mineira e também para a cultura nacional. A potência de sua atuação se fez presente em muitas edificações projetadas por outros arquitetos e em construções sem profissionais. Niemeyer representava ideias por meio da arquitetura. Sua atividade gerou frutos que se constituíram em símbolo de ruptura com o pensamento conservador e traduziu o imaginário do que era ser moderno. Somos capazes de identificar muitos "telhados iate" em toda Minas Gerais, erguidos pela população e projetados por profissionais pouco conhecidos. Ter um imóvel com este tipo de telhado significava ser inovador, levar um jeito novo de viver, especialmente num estado onde a arquitetura colonial teve muita força.

Ao documentar os projetos e as obras de Niemeyer que nunca foram reunidos em uma única publicação, espera-se desdobramentos, por ele ter influenciado o contexto social e político, as cidades e a história brasileira.

Para o patrimônio cultural, este inventário tem efeito de proteção sendo um instrumento previsto no artigo 216 da Constituição Federal de 1988.

Vida e obra de Oscar Niemeyer precisam ser estudadas pela modernidade que trouxeram, pela visibilidade dada à produção arquitetônica nacional, por terem inserido o Brasil no movimento modernista internacional.

MARÍLIA PALHARES MACHADO
Presidente do IEPHA-MG

Conselho de Arquitetura e Urbanismo de Minas Gerais – CAU/MG

O Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil – CAU/BR e o Conselho de Arquitetura e Urbanismo de Minas Gerais foram criados pela Lei Federal nº 12.378 de 31 de dezembro de 2010, que regulamenta o exercício da Arquitetura e Urbanismo no país. Uma conquista histórica para a categoria, que significa maior autonomia e representatividade para a profissão.

Autarquia dotada de personalidade jurídica de direito público, o CAU possui a função de "orientar, disciplinar e fiscalizar o exercício da profissão de arquitetura e urbanismo, zelar pela fiel observância dos princípios de ética e disciplina da classe em todo o território nacional, bem como pugnar pelo aperfeiçoamento do exercício da arquitetura e urbanismo" (§ 1º do Art. 24º da Lei 12.378/2010).

Em abril de 2022, o CAU/MG e o IEPHA firmaram um Termo de Cooperação Técnica, com o objetivo de promover o intercâmbio de informações que possibilitam maior eficiência na atuação dos órgãos partícipes, no âmbito de suas respectivas atribuições institucionais, sobretudo no que diz respeito às atividades relacionadas ao Patrimônio Cultural em Minas Gerais.

Dessa forma, através de sua Comissão Especial de Patrimônio Cultural – CPC-CAU/MG, e da atuação direta das equipes técnicas do CAU/MG e do IEPHA, foi possível a publicação do Inventário de Projetos e Obras de Oscar Niemeyer em Minas Gerais. Essa publicação marca as diversas possibilidades existentes a partir de uma atuação colaborativa entre instituições, onde os propósitos compartilhados qualificam a mútua atuação e entregam para a sociedade produtos de qualidade. Nesse caso, em especial, valorizar o trabalho de arquitetos(as) e urbanistas é também valorizar o patrimônio do Estado, que possui como parte fundamental o conjunto de obras desse importante arquiteto.

O CAU/MG agradece ao IEPHA/MG pela cooperação e por colocar à disposição de todas e todos o resultado de mais esse importante trabalho desenvolvido pelo Instituto.

Que essa publicação sirva para lembrar mineiras e mineiros de nossa riqueza cultural, relembre a sociedade que preservar é preciso, para garantirmos ao futuro o acesso às conquistas de cada tempo e, também, que o exercício da arquitetura e urbanismo fazem a diferença na construção de cidades mais justas, saudáveis e belas. A obra de Niemeyer nos comprova isso.

Boa leitura!

ARQ. URB. EDWIGES SOBREIRA LEAL
Presidente do CAU/MG

‘Estou surpreso. Sou apenas um arquiteto’

Minas Gerais, com tantas peculiaridades imateriais na sua cultura popular, além dos contornos materiais de sua rica topografia, e Oscar Niemeyer, com seu leve traço e sutil movimento inconfundíveis, representam uma parceria de destaque na arquitetura latino-americana e mundial, seja pelo estado brasileiro sediar várias obras de um dos maiores nomes da arte projetual e conceitual do planeta, ou mesmo pelo reconhecimento da importância cultural e patrimonial deste imenso e variado conjunto arquitetônico que já se incorporou à mineiridade, esta forma de ser e viver que permeia a personalidade do brasileiro.

O histórico de Niemeyer em Minas Gerais constitui um valioso e inigualável painel arquitetônico que começa a ser executado por volta de 1938, com o Grande Hotel de Ouro Preto, cidade barroca emblemática, e que vai até 2010, com a construção da Cidade Administrativa, centro político e administrativo estadual. Nesses mais de 70 anos, em que o Brasil assumiu relevância mundial, o arquiteto carioca construiu uma obra que marcou a sua trajetória como um dos principais nomes da arquitetura mundial, obra essa que conseguiu captar o que Minas Gerais tem de mais característico em sua espacialidade: as curvas que procuram alcançar a linearidade do horizonte para que, assim, possa desafiar formas e movimentos.

Além da materialidade que alguns projetos adquiriram ao saírem do papel, numa expressão de genialidade, como também muitas outras ideias que ficaram presas nas linhas e plano bidimensional do papel e não obtiveram a devida espacialidade que merecem, tivemos a relação entre dois grandes nomes da vida social e política nacional, que foram Juscelino Kubitschek e Niemeyer, que com a contribuição de Lúcio Costa, planejaram e financiaram a construção de Brasília, hoje patrimônio cultural mundial. Mesmo com toda a sua grandiosidade, podemos ver suas obras também geniais e grandiosas espalhadas por Minas Gerais, quarto estado brasileiro em dimensão, principalmente na capital, que tem como nome a beleza do horizonte mineiro, seja voltado para o Oceano Atlântico ou para o interior do país.

É notório que Belo Horizonte não seria a mesma sem o traço sinuoso da mão de Niemeyer, como podemos ver na Pampulha e em outros espaços e imóveis. E podemos até dizer o mesmo de Cataguases, Juiz de Fora, Diamantina, Uberlândia e Itabira, essa a terra de um outro grande mineiro, um verdadeiro arquiteto de versos e sentidos, Carlos Drummond de Andrade. E não podemos esquecer de Ouro Preto, que tem a marca de outro mineiro que molda a matéria que constitui e delimita o espaço, Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, um mestre com seus saberes e fazeres arquitetônicos, com sua vida impregnada em igrejas, anjos e profetas, esses em Congonhas.

E bem ali, num espaço essencialmente mineiro de nossa capital, que é a Praça da Liberdade, que por mais tardia que seja permanece essencial, tendo que ser louvada em verso e prosa, as curvas do edifício que leva o seu nome e mostra a sua arte representam muito mais do que as curvas das montanhas, desenhadas por outro grande arquiteto. Niemeyer, que fincou seus olhos em Curitiba, apesar do azul do mar que banha o estado carioca, e de sua visão espacial que deu a volta ao mundo, deixou em Minas Gerais muito mais que simplesmente arquitetura. É do conhecimento de todos que ele sempre falava de Belo Horizonte com uma deferência especial.

Em seus mais de um século de vida, o carioca Oscar Niemeyer conseguiu entender e expressar, à sua forma, o que é ser mineiro, o que significa mineiridade. E essa compreensão arquitetônica perpassa toda a sua obra em terras mineiras, sendo inclusive a sua estrutura de sustentação. Afinal, como ele mesmo dizia, que a curva é o que faz o concreto buscar o infinito, mas não seria o mesmo que afirmar que Minas é abissal, dentro e fundo? E que as curvas, como as montanhas, escondem o que é Minas?

O Conselho de Arquitetura e Urbanismo de Minas Gerais, de forma simbólica, nesse livro que reverencia a arquitetura e o arquiteto, se curva diante da magnitude da obra deste grande arquiteto, que foi Niemeyer. E, para isso, entendemos que, como dizia Oscar, "o mais importante não é a arquitetura, mas a vida, os amigos e este mundo injusto que devemos modificar". Ou, se preferirem, parodiando Drummond, 'há uma pedra no meio do caminho...'. Pois bem, façamos algo com essa pedra. Que tal arquitetura?

COMISSÃO DE PATRIMÔNIO CULTURAL DO CONSELHO DE ARQUITETURA E URBANISMO DE MINAS GERAIS – CPC-CAU/MG

APRESENTAÇÃO

Os "Cadernos do Patrimônio Cultural", publicados pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais – IEPHA/MG, têm como principal objetivo divulgar os resultados das pesquisas da Instituição. Estruturados em uma linguagem direta e descritiva, mas sem perder seu caráter técnico, os "Cadernos" são uma espécie de porta de entrada para o público interessado em assuntos relativos ao patrimônio cultural. Essa foi a intenção desde a primeira publicação, que trouxe em seu conteúdo uma síntese do processo de pesquisa referente à Festa do Rosário dos Homens Pretos de Chapada do Norte, segundo bem cultural reconhecido como patrimônio cultural imaterial do estado de Minas Gerais, no ano de 2011.

A experiência exitosa fez com que os "Cadernos" se consolidassem e fossem incorporados à linha editorial da instituição. Assim, com o passar dos anos, os temas se multiplicaram e trouxeram para suas páginas resultados de pesquisa do patrimônio cultural as mais diversas. Até o momento já foram publicados seis "Cadernos do Patrimônio Cultural" que, além da Festa do Rosário de Chapada do Norte, tiveram como temas a Comunidade dos Arturos (2014), o Inventário Cultural do Rio São Francisco (2015), as Folias de Minas Gerais (2018); os Saberes, linguagens e expressões musicais da viola em Minas Gerais (2018) e O modo de fazer o queijo artesanal da região do Serro de Minas Gerais (2018). Todas essas publicações representam uma pequena fração de investigações realizadas pelo IEPHA/MG ao longo dos seus mais de 50 anos de proteção e preservação do patrimônio cultural mineiro.

A presente edição é dedicada ao inventário da arquitetura moderna de Oscar Niemeyer em Minas Gerais e sua relação com o patrimônio cultural. Cumpre esclarecer que a reflexão sobre a Arquitetura Moderna na instituição não é recente

e o modernismo na arquitetura mineira, desde alguns anos, constitui linha de pesquisa do IEPHA/MG. Os trabalhos realizados já identificaram e reconheceram diversas dessas edificações como patrimônio cultural do Estado, caso da Igreja do Espírito Santo do Cerrado, em Uberlândia, cujo projeto foi concebido em 1975 pela arquiteta ítalo-brasileira Lina Bo Bardi, e que foi tombada na esfera estadual em 1997. Situação idêntica também ocorre com diversas obras do próprio Oscar Niemeyer que já receberam esse tipo de proteção, como o Conjunto arquitetônico e paisagístico da Pampulha (1947), tombado em 1984, e o prédio da Antiga sede do Banco Mineiro da Produção (1953), tombado em 2016, no contexto da execução do inventário das obras e projetos do arquiteto em Minas Gerais.

Por fim, o "Caderno do Patrimônio Cultural - O modernismo de Oscar Niemeyer em Minas Gerais: inventário dos projetos e obras do arquiteto" objetiva levar ao conhecimento do leitor algumas faces do que foi o processo de pesquisa desenvolvido pela instituição nos últimos anos, tanto na identificação, quanto na pesquisa, na proteção e na promoção da Arquitetura Moderna no Estado, e que tem em Oscar Niemeyer o seu representante mais significativo. A perspectiva posta desde o início das investigações era a de trazer, para além do legado material das edificações em si, a dimensão social e humana na qual o arquiteto e essa arquitetura estavam inseridos e se desenvolveram. Finalmente, a expectativa é que a publicação leve ao grande público a relevância desses bens culturais, e que inspire outras ações de proteção e de pesquisa da arquitetura modernista em Minas Gerais, valorizando obras de relevância de outros arquitetos do período.

DANIELE GOMES FERREIRA e LUIS GUSTAVO MOLINARI MUNDIM
Organizadores da publicação

Biblioteca Pública de Minas Gerais, Belo Horizonte
Foto de Jomar Bragança

OSCAR NIEMEYER
o arquiteto e sua relação com Minas Gerais

Oscar Ribeiro de Almeida Niemeyer Soares Filho nasceu no Rio de Janeiro, em 1907. Sua formação como arquiteto pela Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) foi concluída em 1934. Faleceu em 2012, deixando um legado de projetos e obras nacionais e internacionais de destaque e pioneirismo na Arquitetura Moderna.

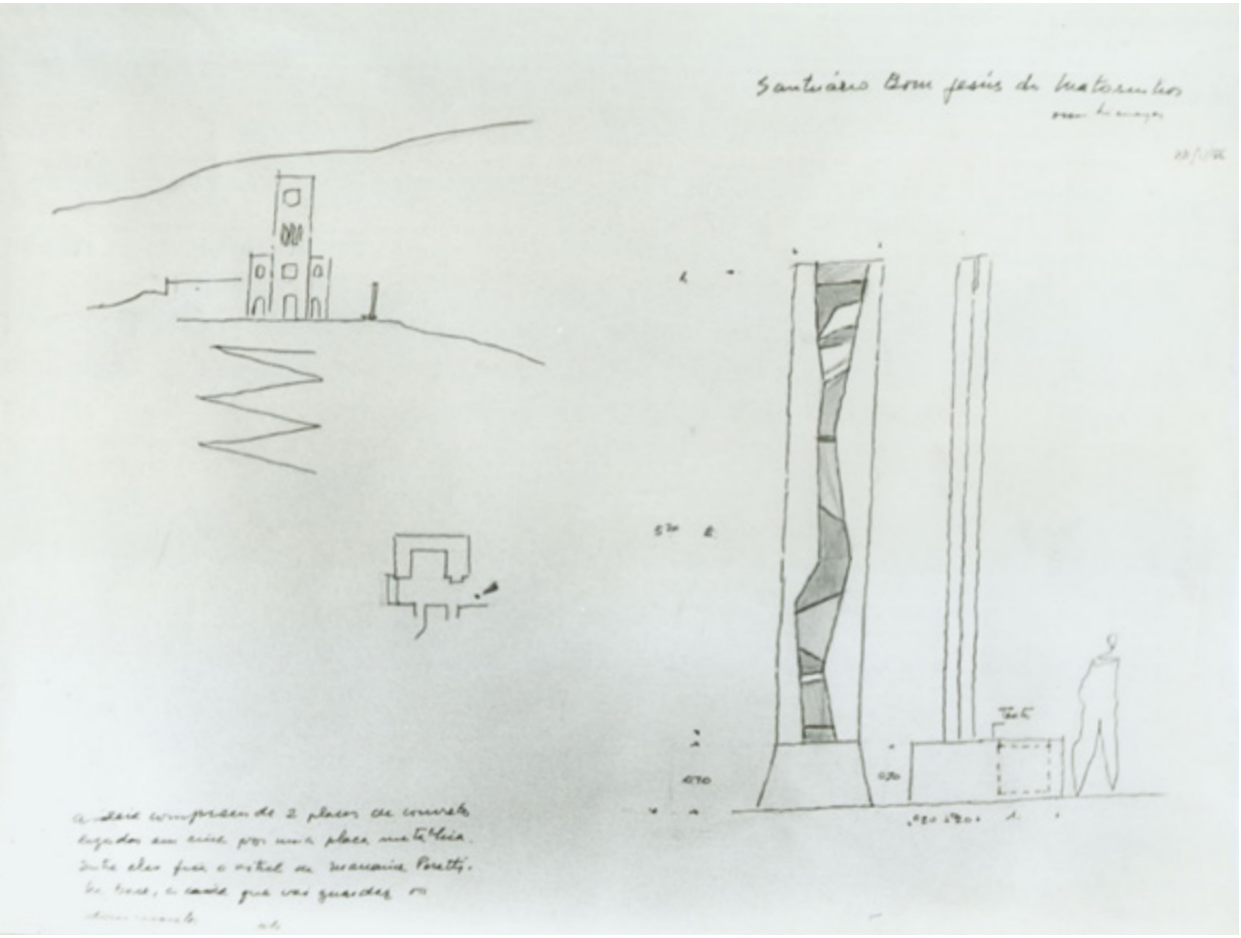
A trajetória profissional e pessoal do arquiteto Oscar Niemeyer cruzou, por diversas vezes, com Minas Gerais ao longo de sua extensa vida. Pode-se dizer que os projetos e obras do arquiteto encontraram em terras mineiras um cenário privilegiado para sua experimentação e desenvolvimento. Assim foi desde o início da carreira, como o anônimo discípulo de Lúcio Costa, até o consagrado arquiteto de fama e projeção internacional, no qual ele se tornou com o passar dos anos. A relação com Minas Gerais começou no final da década de 1930, com os experimentalismos da arquitetura moderna presentes no projeto do Grande Hotel de Ouro Preto (1938), no Cassino da Pampulha e na Casa do Baile, ambos projetos de 1940 e integrantes do Conjunto Arquitetônico da Pampulha, obra que lançou Niemeyer para o Brasil e para o mundo. Aliás, a importância da Pampulha para o arquiteto é enfatizada em suas próprias palavras, ao destacá-la como um dos "cinco momentos" de sua produção arquitetônica.

> "Em cinco momentos divido a minha arquitetura: primeiro, Pampulha; depois, de Pampulha a Brasília; depois, Brasília; depois ainda, minha atuação no exterior; e, finalmente, os últimos projetos que realizei." (NIEMEYER, 1998, p. 260)

Embora a construção da Pampulha, em Belo Horizonte/MG, tenha representado um marco inicial na vida de Oscar Niemeyer, nem de longe essa foi a sua derradeira obra no estado. Isso porque, os levantamentos realizados pelo IEPHA/MG mostram que, ao longo de mais de 50 anos, o arquiteto estreitou e ampliou sua relação com Minas Gerais, sendo identificados na pesquisa 55 projetos desenvolvidos por Niemeyer para o território mineiro.

Os dados correspondem a projetos e obras do arquiteto que foram concebidos, executados, atribuídos ou demolidos, e que estão distribuídos em 13 municípios.

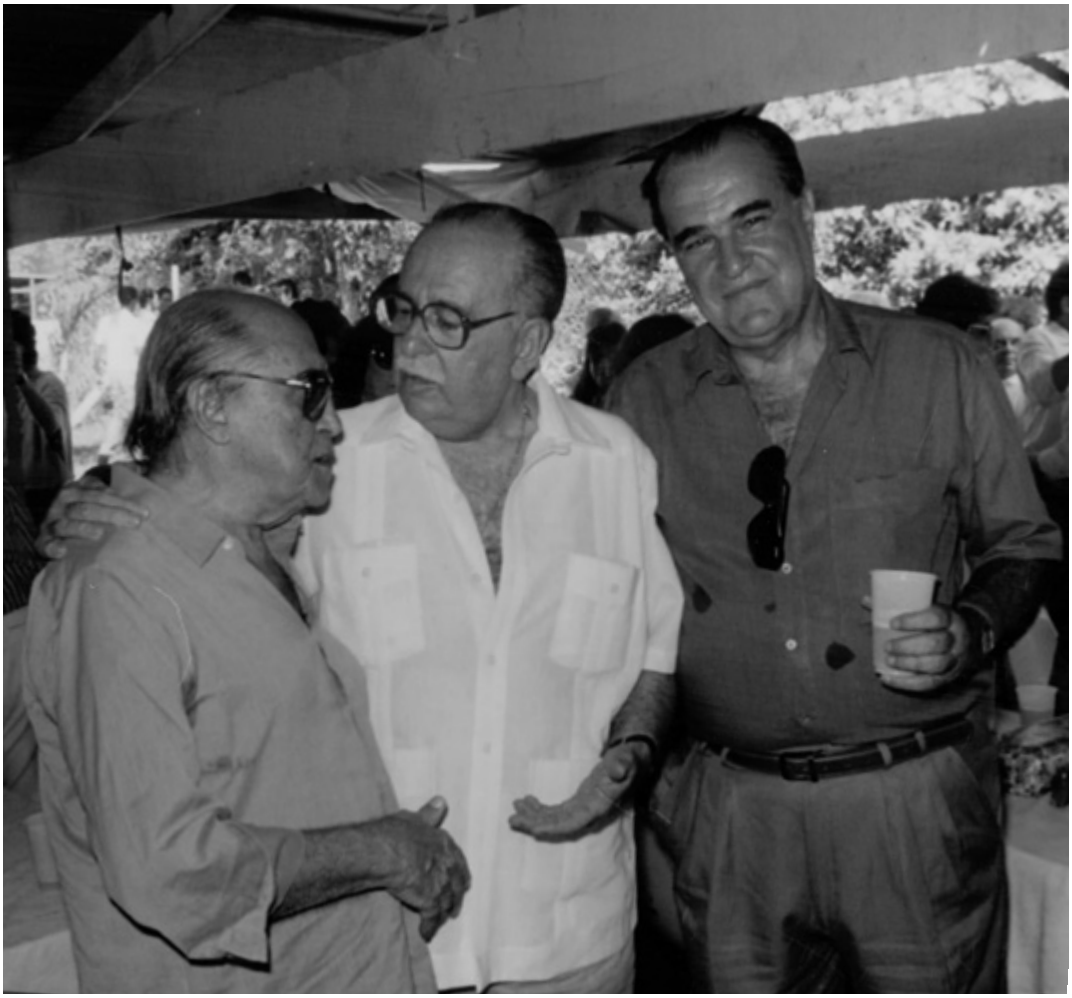
Em relação aos números de projetos e obras atribuídas ao arquiteto, é importante ressaltar a dificuldade na exatidão dessas informações. Isso decorre, por um lado, pelo gênio inventivo e pela profusão da produção que marcou a carreira de Niemeyer e, por outro, pela necessidade de aprofundar a pesquisa relativa a seus projetos. Essa lacuna vem sendo preenchida ao longo dos últimos anos com trabalhos de diversos pesquisadores como, por exemplo, o de Danilo Matoso Macedo (2008) e da própria Fundação Oscar Niemeyer (2023) que trabalharam e trabalham na catalogação e estudo de suas obras. O fato é que, no cotidiano da pesquisa, os investigadores eram frequentemente surpreendidos por supostas obras e projetos que teriam como autor o arquiteto. De toda forma, o farto acervo documental de obras do arquiteto no Estado afirma estreita relação que ele guardava com Minas Gerais e o quão relevante foi o Estado na projeção de sua carreira profissional.



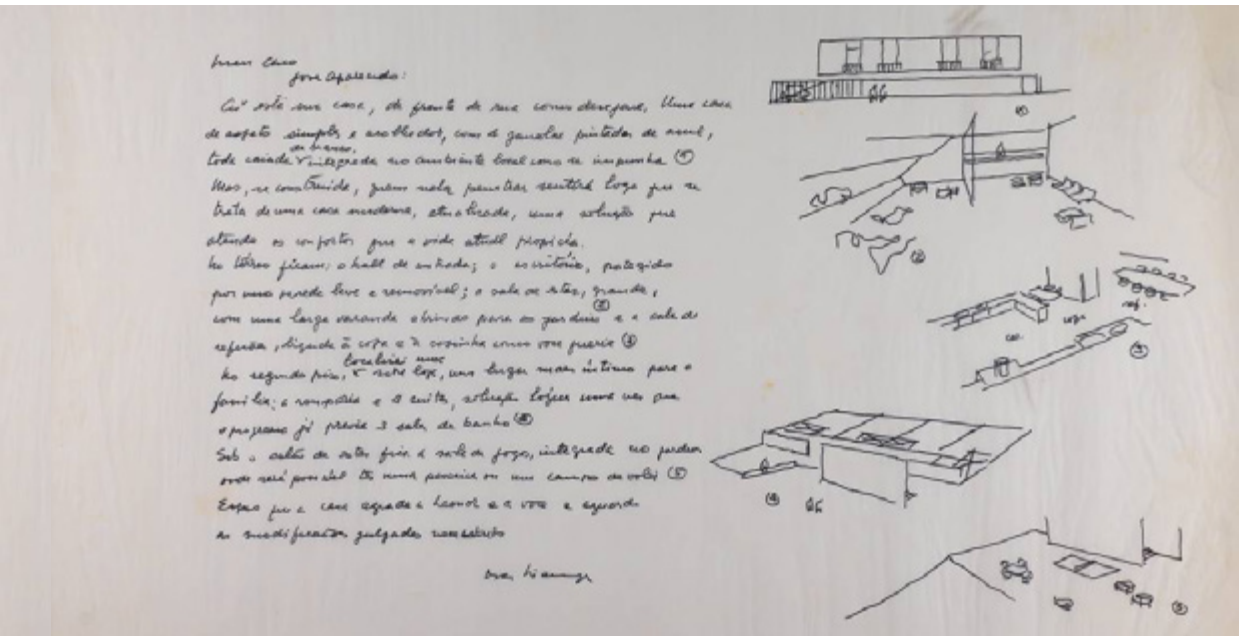
Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos. Data: 1986. Fonte: Acervo APM/MG JAO-0418(074)

Durante a realização da pesquisa, também foram observadas as diversas conexões e redes culturais, sociais e políticas estabelecidas por Niemeyer ao longo de sua vida, as quais influenciaram em sua arquitetura. Dessa forma, fosse por amizade, afinidade ideológica, relação comercial ou pela soma desses fatores, os projetos executados ou planejados pelo arquiteto para Minas Gerais tiveram, quase sempre, laços pessoais muito fortes.

Uma dessas relações que resultaram em projetos foi com o jornalista e político José Aparecido de Oliveira. A amizade de longos anos entre os dois resultou em alguns projetos, como o que Niemeyer fez para o Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, em Conceição do Mato Dentro/MG. Ou o da residência de José Aparecido, também em Conceição do Mato Dentro/MG, em que o arquiteto revela as soluções dadas para atender aos desejos do amigo. Esses projetos não foram executados, mas ficaram como testemunho da profunda relação entre os dois.



Aniversário de José Aparecido de Oliveira. Data: 17/02/1990. Fonte: Acervo APM/MG JAO-1188(86)



Carta de Niemeyer à José Aparecido de Oliveira sobre o projeto de sua residência. Data: 1986. Fonte: FUNDAÇÃO OSCAR NIEMEYER (Brasil). Fundação Oscar Niemeyer. Disponível em: <https://www.oscarniemeyer.org.br/obra/pro285>. Acesso em: 20 fev. 2023.

Meu caro José Aparecido:

Aí está sua casa, de frente de rua como desejava. Uma casa de aspecto simples e acolhedor, com 4 janelas pintadas de azul, toda caiada de branco integrada no ambiente como se impunha (1). Mas, se construída, quem nela penetrar sentirá logo que que se trata de uma casa moderna, atualizada, uma solução que atende o conforto que a vida atual propicia. No térreo ficam, o hall de entrada; o escritório, protegido por uma parede leve e removível; a sala de estar, grande, com uma larga varanda abrindo para os jardins (2) e a sala de refeições ligada à copa e à cozinha como você queria (3). No segundo piso localizei uma sobre loja, um lugar mais íntimo para a família; a rouparia e 4 suítes, solução lógica uma vez que o programa já previa 3 salas de banho (4). Sob o salão de estar fica a sala de jogos, integrada no jardim onde será possível ter uma piscina ou um campo de volei. (5)
Espero que a casa agrade a Leonor e a você e aguardo as modificações julgadas necessárias. (FUNDAÇÃO OSCAR NIEMEYER, 2023)

Ainda no campo das conexões estabelecidas por Niemeyer, é possível observar como essas ligações espelhavam as relações da arquitetura produzida por ele com outros campos do conhecimento como, por exemplo, com as belas artes. Como pano de fundo dessas relações, subsistia a ideia de uma Arquitetura Moderna como integradora das outras artes. Dessa forma, foi comum, especialmente nas primeiras obras, que a genialidade de Niemeyer dialogasse com a de outros gênios e artistas como Cândido Portinari, Burle Marx, Paulo Werneck, Alfredo Ceschiatti, Athos Bulcão, August Zamoyski,

Di Cavalcanti, Mário Silésio, Joaquim Tenreiro, Jan Zach, José Pedrosa, e outros artistas que alcançariam destaque, nacional ou internacional, ao longo de suas carreiras. A arquitetura nessa perspectiva integradora das outras artes conferia prestígio aos edifícios e tornou a fruição das obras artísticas integradas aos edifícios uma experiência multi-sensorial.

Do ponto de vista da execução dos projetos, ocorreu uma integração semelhante com o campo das engenharias. As curvas e os grandes vãos livres, conceitos imaginados por Oscar Niemeyer, impuseram desafios complexos à construção das obras e aos cálculos estruturais, abrindo caminhos para soluções e tecnologias inovadoras. O arrojo formal proposto por Niemeyer para as estruturas em concreto armado fez despontar a competência e a criatividade de calculistas e engenheiros tais como Joaquim Cardozo, José Carlos, Albino Santos Froufe, W. Muller, J. Alvaris, José Garcia Netto, Amrein, Z. Glabe, Morales Ribeiro, Flávio de Aquino, Aldo Calvo, Milton Ramos e Bruno Contarini (PORTO, 2015) que acompanharam o arquiteto em inúmeras obras.

> Para nós, o 'espaço arquitetural' é a própria arquitetura, e, para realizá-la, nele interferimos externa e internamente, integrando-a na paisagem e nos seus interiores, como duas coisas que nascem juntas e harmoniosamente se completam. O espaço arquitetural faz parte da arquitetura e da própria natureza, que também a envolve e limita. Entre duas montanhas ele está presente e nas suas formas se integra como um elemento de composição paisagística. (NIEMEYER, 1993, p. 19)

Por sua vez, quando se analisa as obras de Niemeyer e o patrimônio cultural, o que se constata é que muitas de suas edificações tiveram reconhecimento cultural precoce. Possivelmente isso ocorreu pela presença de outros modernistas, como o arquiteto Lúcio Costa, na direção do SPHAN (atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN), órgão responsável pelo patrimônio nacional. Além disso, os estudos realizados pelo IEPHA/MG neste inventário apontaram que muitas das obras do arquiteto em Minas Gerais são protegidas, seja pela esfera federal, estadual ou municipal. Uma delas - o Conjunto Moderno da Pampulha - foi também reconhecida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO, como Patrimônio Cultural da Humanidade.

A relevância arquitetônica de suas edificações, o prestígio mundial e as relações sociais estabelecidas por Oscar Niemeyer ao longo de sua vida justificam, por si só, esta e outras pesquisas desenvolvidas em torno do artista. Assim sendo, o que se buscou nesse projeto não foi somente identificar as obras edificadas do arquiteto, mas sobretudo compreender a dimensão imaterial da sua genialidade, de seu legado, da memória e da proposta artística conciliadora concebida para o território mineiro. Uma arquitetura de traços singelos que se materializou em ambientes grandiosos e monumentais, fruto de desenhos e soluções técnicas inovadoras.

Painel da Igreja São Francisco de Assis - Pampulha, Belo Horizonte
Foto de Jomar Bragança

O INVENTÁRIO

No rol dos instrumentos de proteção do patrimônio cultural existentes[1], o inventário desempenha um papel fundamental, multifacetado e ainda pouco explorado. Isso porque a aplicação do inventário permite diversos resultados como o conhecimento e a identificação de bens culturais de interesse da sociedade, o planejamento de ações de proteção e preservação, a valorização e a promoção desses bens, além de garantir a sua preservação. Nesse contexto, o inventário é um instrumento primordial na identificação, catalogação, documentação e seleção do patrimônio cultural a ser protegido. Além disso, quando da sua elaboração, o instrumento oferece informações referentes à situação do bem cultural com a avaliação, por exemplo, do seu estado de conservação, das intervenções e descaracterizações sofridas, da sua apropriação social e utilização ao longo do tempo.

No caso do *Inventário dos projetos e das obras do arquiteto Oscar Niemeyer em Minas Gerais,* essas premissas também estão postas e a pesquisa desenvolvida teve como perspectiva, entre outras ações, conhecer e valorizar a obra de um dos maiores expoentes da arquitetura moderna no Brasil e no mundo. Entretanto, para além da produção arquitetônica, o levantamento dos projetos e obras de Niemeyer, teve por objetivo compreender os artistas, artífices, paisagistas e tantas outras pessoas que colaboraram na composição da arquitetura modernista de Niemeyer em Minas Gerais.

Somado a isso, o que se buscou ao longo da pesquisa foi traduzir, com base nos dados, a trajetória da ação de Niemeyer no Estado, observando a permanência e integridade dos seus projetos, os municípios que receberam sua arquitetura, os períodos de sua produção em Minas Gerais, as principais tipologias ou funções a que sua produção se destinou, além de verificar a natureza dos seus contratantes (públicos ou privados). Ou seja, conhecer um pouco mais da dimensão que Oscar Niemeyer representou para Minas Gerais e o que sua arquitetura continua significando para o Estado.

NOTA

1. A Constituição Federal do Brasil, em seu artigo 216, no inciso § 1º, estabelece os instrumentos de proteção do patrimônio cultural: "O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação." (BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, 1988).

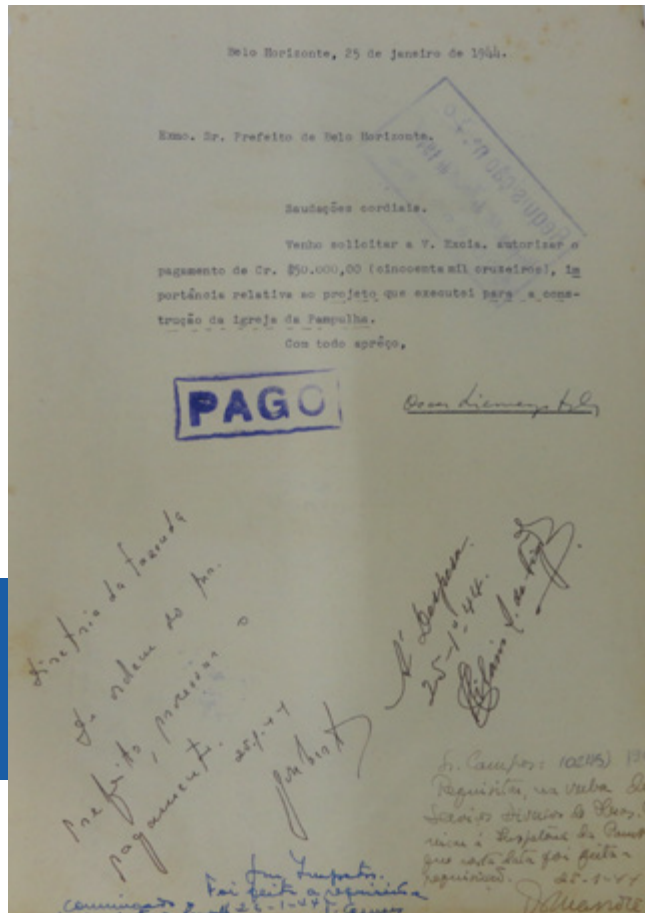
Do ponto de vista prático, uma das preocupações presentes na investigação foi a de conhecer o estado de conservação dos edifícios, a fim de pensar em desdobramentos futuros como a restauração e proteção. Aliás, a preocupação com a conservação da arquitetura modernista chama cada vez mais a atenção dos pesquisadores, visto que, apesar das pesquisas já realizadas sobre o tema, a conservação da materialidade arquitetônica ainda é um desafio diante da destruição sistemática ou da intervenção em edificações desse período sem considerar a sua importância como patrimônio cultural (ZANCHET, 2014).

Em relação ao levantamento das informações, uma das dificuldades encontradas foi a confirmação da autoria das obras e projetos. Isto porque, como já mencionado, a produção arquitetônica de Oscar Niemeyer foi bastante significativa ao longo de toda a sua vida e seus projetos e obras estão espalhados pelo Brasil e pelo mundo. A quantidade de desenhos, croquis, esboços, anteprojetos e projetos produzidos por ele, aliada ao desencontro de informações sobre esse material dificultaram a identificação da autoria de algumas obras que ainda seguem em aberto. Diante dessa situação e para a definição do recorte da pesquisa, estabeleceu-se alguns critérios que foram aplicados às informações levantadas e se referem a autoria (se é reconhecida ou atribuída), situação do projeto (se foi construído ou não) ou se a edificação construída foi demolida. Além disso, foram elaboradas fichas de inventário para bens móveis e integrados de autorias diversas que fazem ou fizeram parte do acervo das edificações.

Grande parte dessas informações foi coletada na extensa pesquisa documental realizada em diversos acervos, percorrendo mais de 400 itens entre teses, dissertações, documentos técnicos, revistas, sites, livros, jornais, revistas e outras fontes.

Alguns dos documentos localizados nessa pesquisa permitiram conhecer um pouco mais sobre a dinâmica da execução das obras de Oscar Niemeyer em Minas Gerais. Exemplo disso é um recibo dado por ele ao prefeito de Belo Horizonte, Juscelino Kubitschek, em 25 de janeiro de 1944, referente às obras executadas na Igreja da Pampulha.

> "Venho solicitar a V. Excia. autorizar o pagamento de Cr. $50.000,00 (cincoenta mil cruzeiros), importância relativa ao projeto que executei para a construção da igreja da Pampulha."



Belo Horizonte, 25 de janeiro de 1944.

Exmo. Sr. Prefeito de Belo Horizonte.

Saudações cordiais.

Venho solicitar a V. Excia. autorizar o pagamento de Cr. $50.000,00 (cincoenta mil cruzeiros), importância relativa ao projeto que executei para a construção da igreja da Pampulha.

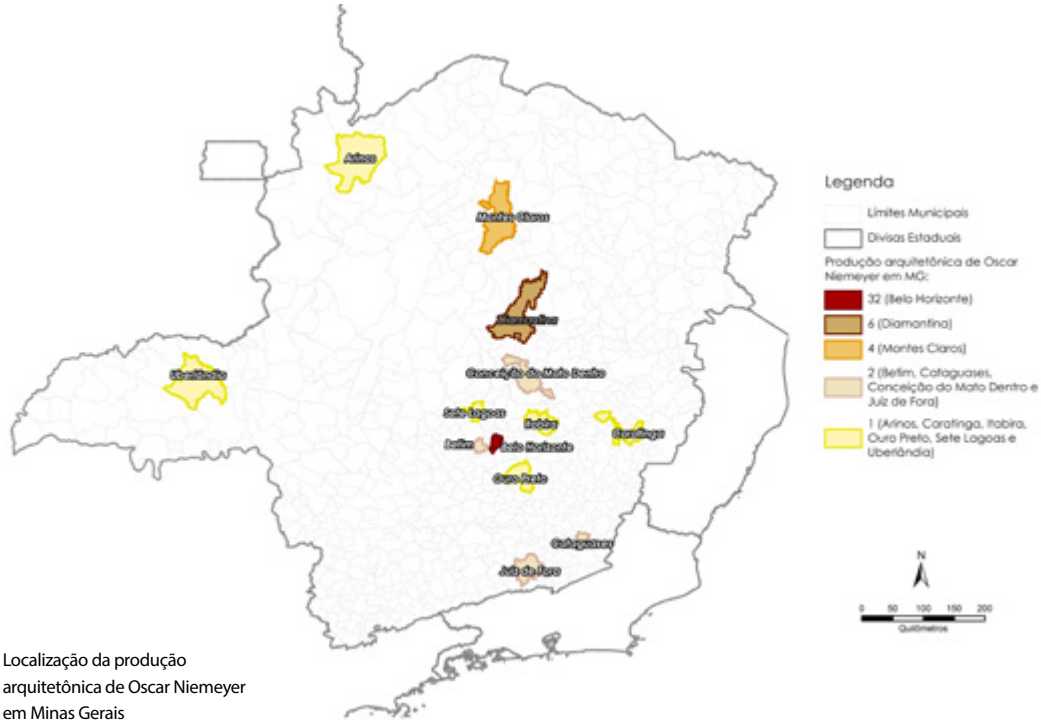
Com todo aprêço,

PAGO

Recibo de Niemeyer para o Prefeito de Belo Horizonte

Como resultado da investigação, entre projetos concebidos, executados, atribuídos ou demolidos, foram localizados 55 projetos de Niemeyer para construções em território mineiro, distribuídos em 13 municípios. Isso resultou na elaboração de 27 fichas de inventário das estruturas arquitetônicas de bens culturais reconhecidos e atribuídos ao arquiteto. Além disso, foram elaboradas 29 fichas de bens móveis e integrados a essas edificações, de autoria de artistas modernistas. Nas páginas finais desta publicação, constam as listagens dos projetos e edificações de Niemeyer e dos bens móveis e integrados que fizeram parte desta pesquisa.

Do total de projetos elaborados entre o final dos anos de 1930 até os anos de 2010, 35 deles foram executados, sendo que 3 já foram demolidos. Outros 19 projetos não foram executados e 1 se encontra em construção - a Catedral Cristo Rei, em Belo Horizonte - cujo projeto foi elaborado em 2006.



Localização da produção arquitetônica de Oscar Niemeyer em Minas Gerais

Em relação às artes integradas aos projetos de Oscar Niemeyer em Minas Gerais, a pesquisa buscou ampliar as informações históricas e a situação atual desse acervo, especialmente nos projetos executados entre 1942 e 1961, período no qual se verificou a existência da relação entre arquitetura e artes integradas de forma mais intensa. Assim, foram localizadas e inventariadas 29 obras de arte distribuídas em 11 edificações, nos municípios de Belo Horizonte, Cataguases e Diamantina. As fichas contêm, entre outras informações, pesquisa histórica, descrições técnicas construtivas e estilísticas, além da avaliação do estado de conservação.

Vale destacar que a sistematização/compilação dos dados da pesquisa foi um processo desafiador em vários aspectos, especialmente do ponto de vista do patrimônio cultural. Nas páginas seguintes apresentamos um pouco desse processo e da reflexão sobre o vasto conteúdo analisado. A expectativa é que o leitor se sinta instigado a pensar na arquitetura desenvolvida por Oscar Niemeyer em Minas Gerais e reflita sobre o tema, considerando a relação arquitetura e preservação do patrimônio cultural.

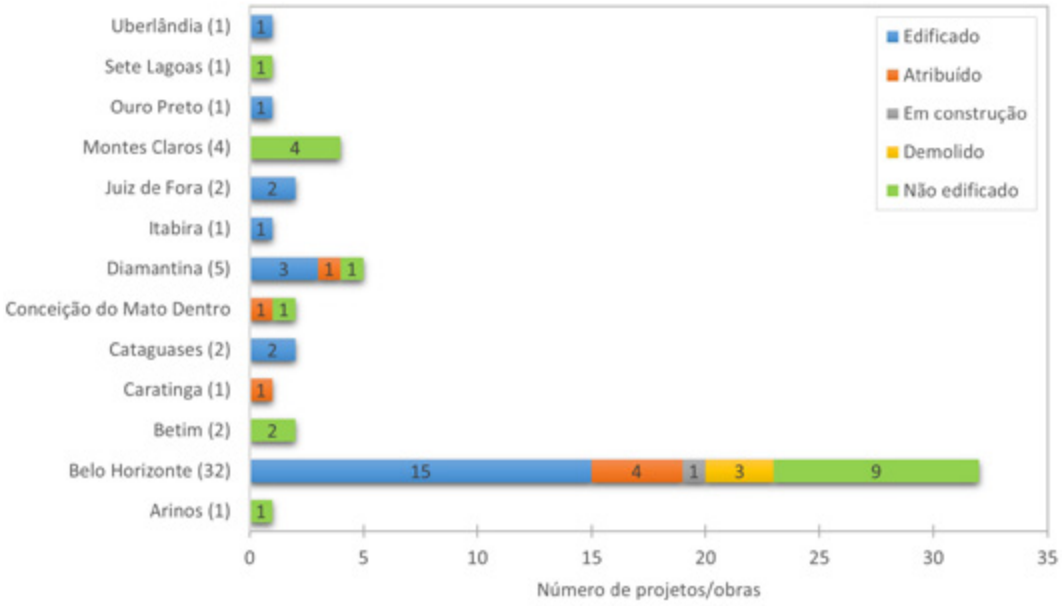
a) Projetos

Os projetos de Oscar Niemeyer em Minas Gerais perpassam mais de 70 anos, período que corresponde a quase toda a sua carreira como arquiteto. Grande parte das suas propostas e das obras executadas no território mineiro se concentraram entre os anos de 1938 até o final da década de 1950. Essa foi uma época em que Niemeyer tinha grande proximidade com autoridades e governantes que demandavam projetos de sua autoria.

Com o passar dos anos, a procura por projetos do arquiteto foi gradativamente diminuindo e alguns fatores podem explicar essa redução. Um deles foi o início dos seus trabalhos em Brasília, em 1957, que o deixou indisponível para outras demandas. Outro fator que certamente influenciou na diminuição de demandas foi a mudança do cenário político brasileiro da década de 1960, marcado pela ditadura civil-militar (1964 - 1985), que fechou as portas para o arquiteto no Brasil. Somado a esse movimento, a projeção internacional de Niemeyer fez com que sua produção estivesse cada vez mais voltada para o exterior.

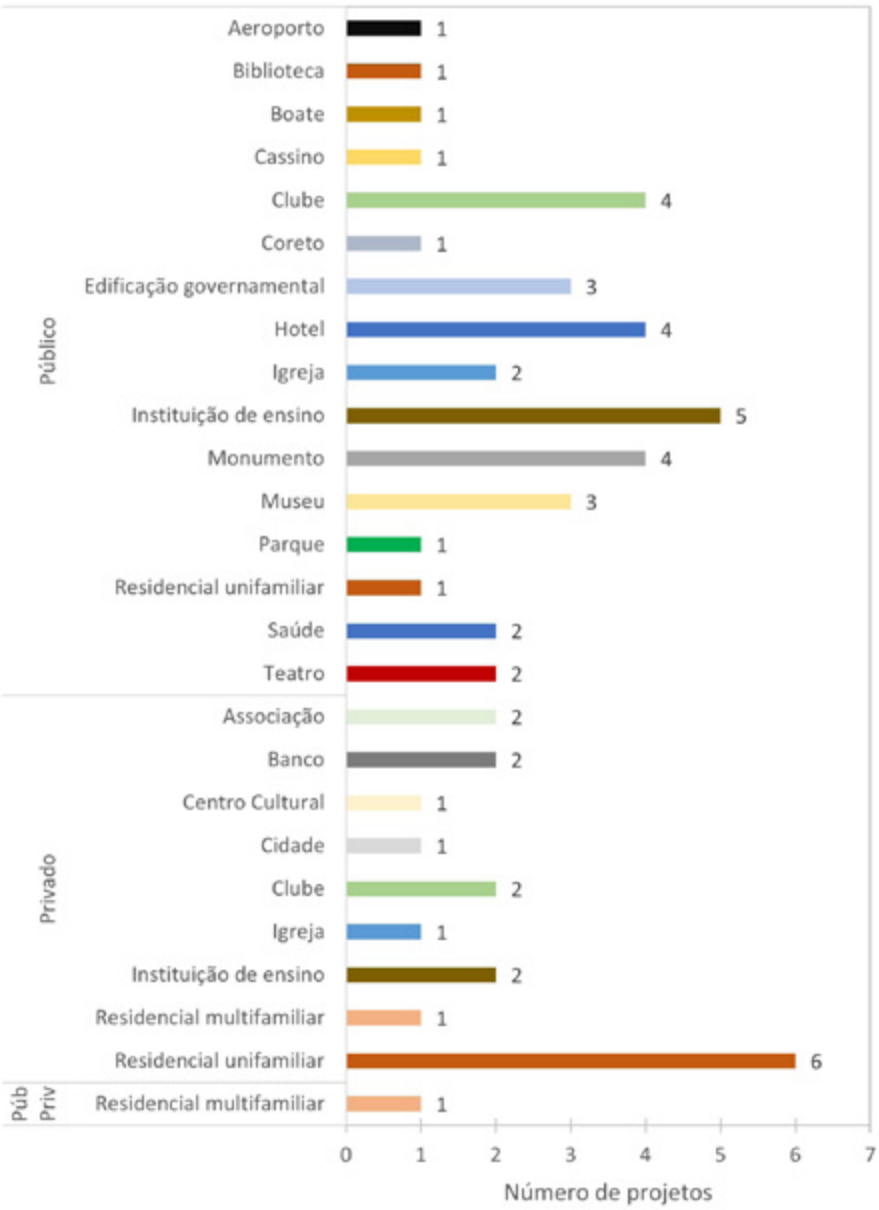
Em relação às cidades mineiras com propostas arquitetônicas de Niemeyer, grande parte dos projetos (32) e das obras (20) se concentram em Belo Horizonte. As obras do Conjunto Arquitetônico da Pampulha, residências e clubes construídos nessa mesma região, corroboram esses números, justificados também pelas relações pessoais do arquiteto, especialmente com Juscelino Kubitschek e outros políticos. Tal lógica também pode ser verificada nos projetos concebidos e realizados em outros locais como Diamantina, cidade natal de JK e a segunda que mais recebeu projetos (5) e obras (4) de Oscar Niemeyer em Minas Gerais.

Situação dos projetos e obras de Niemeyer por município .



Em relação à tipologia ou à função dos edifícios projetados, o repertório do arquiteto se mostrou vastíssimo, concebendo desde aeroportos a monumentos cívicos. As propostas de Niemeyer versaram, principalmente, sobre instituições de ensino, residências unifamiliares e sedes de clubes. O arquiteto também projetou teatros, bibliotecas, centros culturais, memoriais, igrejas, hospitais, bancos e até uma cidade (a Cidade Marina), antes mesmo da consagração que os projetos em Brasília/DF representaram em sua carreira. O grande contratador desses projetos foi o poder público, fato justificado pela função destinada às edificações associada às propostas arquitetônicas. Apesar disso, muitos dos projetos contratados pelos órgãos públicos não foram executados, enquanto que a maioria das contratações feitas por particulares foi edificada.

Projetos de Niemeyer por tipo de contratante e função inicial



Divulgação do projeto do Conjunto Governador Kubitschek (Conjunto JK), Belo Horizonte. Fonte: Módulo Brasil Arquitetura, Edição 1, Rio de Janeiro, 1955, p. 14-15.

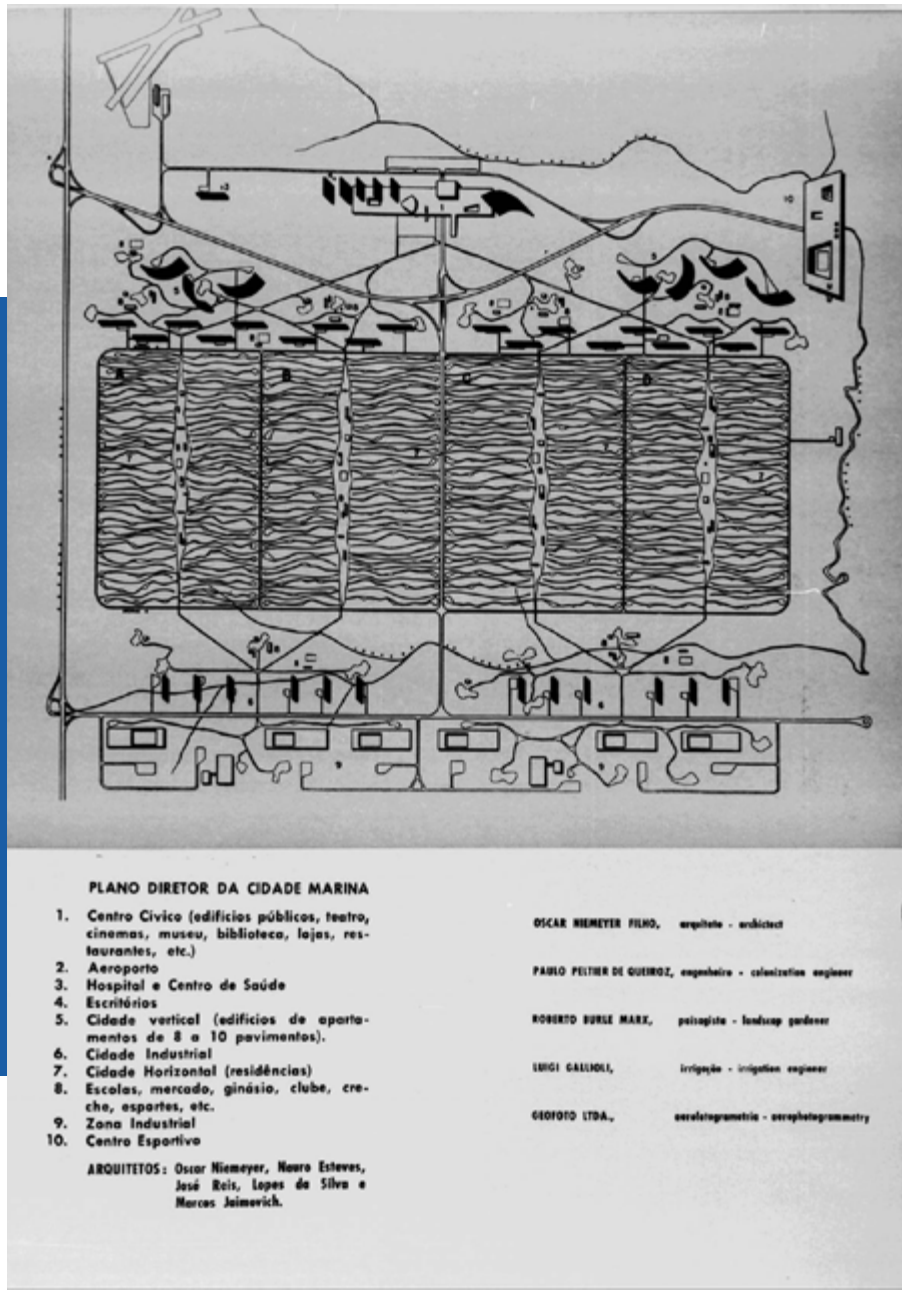
Um desses projetos que não saiu do papel foi o da Cidade Marina ou Colônia Agropecuária do Menino, um projeto de 1954, que seria implementado na cidade de Arinos/MG. A cidade foi concebida por Niemeyer a pedido de seu amigo Max Hermann, que possuía uma grande extensão de terras naquele município, localizado no Vale do São Francisco, e que compartilhava com o arquiteto o ideal de construir um assentamento moderno no centro do Brasil. O projeto foi anunciado com grande entusiasmo pelos veículos de comunicação do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, na intenção de capitaliza-lo. A construção tinha o apoio de Juscelino Kubitschek que no mesmo período pensava em edificar Brasília e que via no projeto, um apoio para o desenvolvimento da região. As notícias publicadas nos jornais enalteciam a iniciativa de Hermann. O Correio da Manhã anunciava em matéria intitulada "Uma civilização em marcha para um destino glorioso", que a cidade Marina se tratava de um "empreendimento brasileiro de repercussão universal", e mais adiante dizia, sem nenhuma modéstia, que seria a "cidade mais moderna do mundo." (CORREIO DA MANHÃ, 1956, p. 9).

O plano da cidade feito por Niemeyer incluía um centro cívico (edifícios públicos, teatro, cinema, museu, biblioteca, lojas, restaurantes, etc.), aeroporto, hospital e centro de saúde, escritórios, cidade vertical (apartamentos de 8 e 10 pavimentos), cidade horizontal (residências), escolas, mercado, ginásio, clube, creche, esportes, zona industrial e centro esportivo. Assinavam o projeto juntamente com Niemeyer os arquitetos Nauro Esteves,

José Reis, Lopes da Silva e Marcos Jaimovich. O engenheiro seria Paulo Peltier de Queiroz, o paisagismo seria de autoria de Roberto Burle Marx, enquanto a irrigação ficaria a cargo de Luigi Gallipoli (MÓDULO BRASIL ARQUITETURA, 1960, p. 16-18).

Todavia, o sonho de se construir pelas mãos da iniciativa privada uma cidade funcional, ordenada e planejada não foi realizado. Diversos problemas como a desapropriação das terras de Hermann, a invasão por posseiros e a perseguição política pós golpe de 1964 fizeram com que os investidores não conseguissem levar adiante o empreendimento (DAMASCENO; RIBEIRO, 2017).

O Plano Diretor da cidade MARINA é resultante de fatores sociais, físicos, econômicos, administrativos, etc. Dêles decorre, simples e lógico, procurando estabelecer para a cidade um sistema de vida humana e feliz, integrado na natureza que aproveita e enriquece.
Com previsão para uma cidade de 200.000 habitantes, o Plano Diretor de MARINA prevê um zoneamento criterioso, que, dividindo a cidade em zonas distintas, habitação, indústria, agricultura, recreação, centro de cultura e saúde, permita o seu desenvolvimento futuro dentro de um esquema funcional.
(MÓDULO BRASIL ARQUITETURA, 1960, p.17).

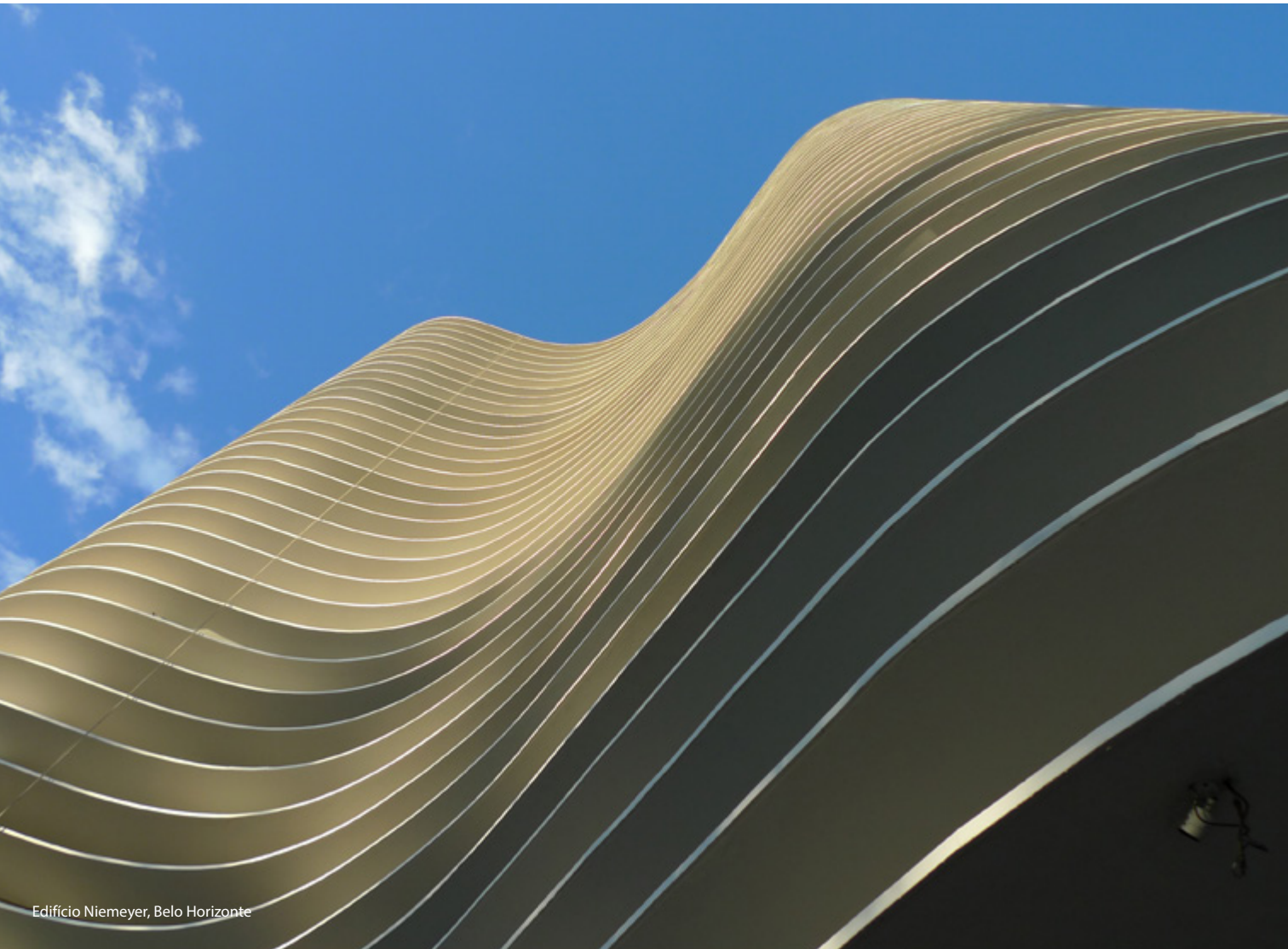


Projeto para a Cidade Marina / Colônia Agropecuária do Menino
Fonte: Módulo Brasil Arquitetura, 18. ed., Rio de Janeiro, 1960, p. 18.

O Hotel da Pampulha foi outro projeto de Niemeyer que não se concretizou. Seria implantado próximo ao Cassino (atual Museu de Arte) e representaria a quinta edificação a compor o Conjunto Arquitetônico da Pampulha. Teve sua construção iniciada, mas logo foi interrompida. Em 1995, a Prefeitura demoliu as colunas que existiam, restando atualmente apenas suas fundações (DIÁRIO DA TARDE, 1995, p. 13).

> O programa para o hotel da Pampulha foi elaborado na base de 100 quartos e 4 apartamentos. Além da sala de estar, leitura, correspondência, refeitório, etc. constava ainda do programa um pequeno cinema que pudesse ser frequentado tanto pelos hóspedes do hotel como pelos moradores do bairro. A solução que apresentamos compõe-se de um monobloco que acompanha a curva da avenida, aproveitando assim o terreno na sua maior dimensão (NIEMEYER, 1946, p. 17-19).

Em relação às propostas arquitetônicas de Oscar Niemeyer para Minas Gerais, a pesquisa identificou que muitas não foram executadas e algumas nem chegaram a se tornar projeto. São diversos esboços, croquis, anteprojetos e outros desenhos feitos pelo arquiteto, marcados pela informalidade, fruto das suas relações pessoais.



Edifício Niemeyer, Belo Horizonte

b) Obras

Os projetos de Oscar Niemeyer executados em território mineiro perpassam um período de mais de setenta anos, o que reflete distintos momentos de sua produção arquitetônica e das influências profissionais que recebeu ao longo da vida. No início de sua carreira, a proximidade e o diálogo com outros arquitetos modernistas, como Le Corbusier e Lúcio Costa foi grande. Com o passar do tempo Niemeyer construiu sua própria linguagem, em um processo gradativo de autonomia e independência (QUEIROZ, 2007). Nos primeiros anos de sua carreira, os projetos e obras do que viria a ser o Conjunto da Pampulha foi, sem dúvida, um marco. Contudo, alguns anos antes dessa icônica obra na capital mineira, o arquiteto projetou o Grande Hotel de Ouro Preto, seu primeiro projeto em Minas Gerais.

Grande Hotel de Ouro Preto. Fonte: <*https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Grande_Hotel_Ouro_Preto.jpg#metadata*>. Acesso em: 13 mar. 2023

O projeto do Grande Hotel de Ouro Preto foi elaborado em 1938 e a obra foi executada entre 1940 e 1945. A iniciativa da obra foi do então prefeito de Ouro Preto/MG, Washington Dias, com o apoio de Rodrigo Melo Franco de Andrade, primeiro diretor do recém-criado SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Naquele momento Ouro Preto já estava declarada Monumento Nacional (1933) e seu conjunto arquitetônico e urbanístico estava tombado na esfera federal (1938). Esse mesmo processo de tombamento definiu as características das novas edificações a serem implantadas na cidade que "deveriam ser em estilo moderno, de acordo com a boa tradição." (MENICONI, 2009, p. 10). Dizia ainda que deveriam ser feitas por arquitetos conceituados por fazerem "boa arquitetura".

A escolha da edificação que seria implantada foi cercada de polêmicas e mais de um projeto foi proposto (COMAS, 2010). A proposta de Niemeyer foi a indicada pelo SPHAN, mas teve que se adequar para atender aos pressupostos do órgão federal, seguindo indicações do próprio Lúcio Costa. O projeto foi polêmico e as obras também geraram atritos com o construtor, levando à insatisfação do arquiteto. Em relação ao Grande Hotel, analisando a obra vários anos depois, Niemeyer chegou a declarar que "lá saiu tudo errado" (LUCCAS, 2005) e que o hotel "foi, infelizmente, muito mal construído. Anos a fio eu tentei consertá-lo, dar-lhe o nível arquitetural que um hotel do governo naquela cidade deveria ter." (JORNAL DO BRASIL, 1995).

Contudo, ressalvando as controvérsias que ocorreram, os elementos-chave dos princípios da arquitetura moderna, como pilotis, fachada livre e janelas em fita, além do uso de solução construtiva, como os brises, podem ser observados no Grande Hotel de Ouro Preto. Além disso, juntamente com esses elementos, também foram introduzidas na composição arquitetônica do edifício referências da tradição colonial da ex-capital mineira, como as treliças de madeira pintadas em azul contrastando com alvenarias brancas e o telhado de telhas cerâmicas tipo capa e bica. Nesse sentido, a obra pode ser vista como uma tentativa de unir princípios do pensamento arquitetônico internacional com a busca de uma identidade nacional, tema fortemente presente naquele período (CHUVA, 2003).

Telhados de telhas cerâmicas e outros elementos que remetem à arquitetura colonial também foram utilizados na residência de Francisco Inácio Peixoto (1941), em Cataguases. Essa obra foi considerada a que inaugurou o modernismo arquitetônico na cidade mineira, e uma das primeiras obras de Niemeyer contratadas por um particular.

Residência de Francisco Inácio Peixoto, Cataguases

Hotel Tijuco, Diamantina (Foto de Elias Rovielo)

Igreja São Francisco, Pampulha, Belo Horizonte

O uso de treliças pintadas de azul, em suas formas mais diversas, aparecem em outros edifícios de Niemeyer em Minas Gerais, como no Hotel Tijuco, em Diamantina, e até mesmo uma releitura desse elemento foi empregada na torre sineira da Igreja de São Francisco, na Pampulha.

Na década de 1940, o grande impulso para a efetiva manifestação das artes modernas em Minas Gerais foi dado com as iniciativas do então prefeito da capital mineira, Juscelino Kubitschek. Em sua visão, o prefeito pretendia situar Belo Horizonte entre as principais capitais do país e transformá-la em uma metrópole moderna, alinhada com os novos tempos. Para tanto, idealizou a construção de edificações públicas para uso coletivo, como centros de lazer e diversão, que se traduziriam no conjunto arquitetônico da Pampulha, composto pelos seguintes equipamentos: Cassino (atual Museu de Arte da Pampulha), Casa do Baile (atual Centro de Referência de Urbanismo, Arquitetura e do Design), Yatch Tênis Club (Iate Tênis Clube), Igreja São Francisco de Assis e Golf Club (cuja edícula construída atualmente é utilizada como Sede da Fundação Zoobotânica). O conjunto arquitetônico foi inaugurado oficialmente em 1943, apesar de algumas obras não estarem concluídas (ARAÚJO, 2013).

Conforme mencionado, os projetos da Pampulha foram os marcos do início da atuação de Oscar Niemeyer em Minas Gerais e ao mesmo tempo viabilizaram o discurso de modernização e a aplicação efetiva do conceito de arte pública, social, integrada à arquitetura e acessível à população.

> Os edifícios que integram o Conjunto Arquitetônico da Pampulha, além de representarem a emancipação plástica de soluções formais presentes nos projetos de Le Corbusier, fundam um vocabulário formal que será disseminado por Niemeyer em todos os projetos que sucedem à experiência mineira. As abóbadas sucessivas, os pilotis e as coberturas em "V", as marquises sinuosas e as lâminas encurvadas transformam-se em componentes versáteis que se adaptam às mais diferentes escalas, abrigando todo tipo de programa. A utilização exaustiva desses componentes formais torna previsível aquilo que, em Pampulha, possuía o frescor da novidade. (QUEIROZ, 2007, p. 444-45).

O uso de abóbadas e estruturas curvas foi uma solução estrutural aplicada por Oscar Niemeyer em algumas de suas obras. A primeira experiência e talvez sua expressão mais significativa em Minas Gerais foi na Igreja São Francisco de Assis, na Pampulha, constituída por quatro abóbadas autoportantes de tamanhos diferentes. Em outros momentos, ele utilizou a estrutura em arco e coberturas curvas associadas a outros elementos estruturais para composição formal da edificação. É o caso do Lactário (Belo Horizonte/MG), projeto atribuído ao arquiteto, em que a cobertura é estruturada por sete vigas arqueadas de madeira, com concavidade voltada para baixo, que partem do nível do piso e sobem inclinadas rasgando a alvenaria lateral do edifício.

No Clube Social da Praça de Esportes em Diamantina/MG, por sua vez, parte da cobertura é composta por uma abóbada curva em concreto que se apoia sobre dois arcos independentes. Nesse exemplo tem-se um jogo lúdico de coberturas, uma vez que a edificação de dois pavimentos tem como laje de cobertura do térreo uma vasta laje plana e o terraço, por sua vez, é parcialmente coberto por uma abóbada em consonância com a concavidade dos pilares curvos laterais. É uma relação de formas simples, que cria espacialidades inovadoras e grandiosas: dos pilares em curva que sustentam a linha reta do terraço; do grande vão térreo integrado ao paisagismo de uma praça que se abre em topo de talude para receber o público e propiciar a vista panorâmica de todo o complexo do Clube Social; do térreo marcado por pisos em diversas altimetrias, propondo ambientações e usos distintos do espaço com o mero rebaixamento ou alteamento dos pisos do andar térreo.

Igreja São Francisco de Assis - Pampulha, Belo Horizonte. Foto de Jomar Bragança

Lactário - Atual Centro Nacional de Africanidade e Resistência Afro-Brasileira (CENARAB), Belo Horizonte

Clube Social da Praça de Esportes, Diamantina

O uso de pilotis, assim como o ritmo modular da estrutura, princípios da arquitetura moderna empregados por Niemeyer, podem ser observados na Pampulha nos prédios do Cassino e do Iate Tênis Clube. O primeiro, atual Museu de Arte da Pampulha, está implantado em uma península e é composto por três blocos interligados com volumes bem definidos sobre pilotis e fachadas em panos de vidro (MACEDO, 2008). No Iate Clube, por sua vez, o pilotis foi utilizado como uma base para um segundo pavimento com cobertura em "V" ou "asa de borboleta", sob o qual está situado um grande vão livre que comporta o salão de festas. O telhado em "V" também foi utilizado na Casa de Juscelino Kubitschek (Casa JK), erguida na orla da Lagoa da Pampulha.

Antigo Cassino - Museu de Arte da Pampulha, Belo Horizonte

Iate Tênis Clube - Pampulha, Belo Horizonte

Casa JK - Pampulha, Belo Horizonte

Ainda referindo-se à Pampulha, a liberdade plástica do arquiteto e a integração de formas sinuosas à paisagem da lagoa aparece como um elemento inovador no desenho da marquise em laje plana da Casa do Baile (SEGRE, 2012), edificação térrea implantada em uma pequena ilha com acesso feito por uma ponte de pedestres que se integra ao conjunto edificado. A plasticidade das formas, sua organicidade e sinuosidade compõem uma paisagem que se integra às bordas em curva e contracurva do lago artificial, intensificando a ideia de movimento, permitindo infinitas possibilidades de visadas. Além disso, cria uma sensação de organismo vivo junto à paisagem, que embora artificial, apresenta-se como um importante polo paisagístico e ambiental na cidade.

Outros projetos emblemáticos de Niemeyer na década de 1940 foram desenvolvidos em Cataguases/MG, cidade na Zona da Mata mineira. Nos anos 1940 a 1950, o lugar se destacou

Casa do Baile - Pampulha, Belo Horizonte. Foto de Jomar Bragança

ao se tornar um centro do modernismo brasileiro, não somente pela arquitetura ali desenvolvida, mas também pela literatura, artes e cinema. O grande impulsionador da cidade para o modernismo foi o escritor, industrial e fazendeiro Francisco Inácio Peixoto, que trouxe para o município grandes expoentes do modernismo.

A pedido de Francisco Peixoto, Oscar Niemeyer projetou a casa do escritor e um colégio. A escola, chamada Colégio Cataguases, já existia desde 1909. Em 1943, foi comprada pela Indústria têxtil Peixoto & Cia. Ltda., de propriedade de Francisco e de seu pai, Manuel Inácio Peixoto, no intuito de fazer novas instalações. Nesse contexto, Niemeyer foi contratado para elaborar o projeto que foi executado entre 1945 e 1947.

A nova edificação tornou-se um marco na arquitetura de colégios, pois contava com um anfiteatro, salão de festas, cinema, teatro, gabinete médico e dentário, barbearia, frigorífico, lavanderia elétrica, restaurante e dezenas de dormitórios no segundo pavimento (INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS - IEPHA/MG, 1997). Na parte externa da edificação existia uma piscina com trampolim e vestiários subterrâneos. O prédio chama a atenção por sua implantação em um bloco extenso sobre pilotis com o uso de elementos como janelas em fita e brises verticais. O colégio também se destaca pela proposta de integração com diferentes artes, como o paisagismo de Burle Marx, o mobiliário do designer de móveis Joaquim Tenreiro, a escultura "O Pensador" localizada no pátio da escola, de autoria do artista tcheco Jan Zach e um painel em pastilhas intitulado "Abstrato", de Paulo Werneck. O hall de entrada do colégio ainda contava com o painel "Tiradentes", de Cândido Portinari.

Sobre essa obra, a carta de Portinari em resposta a Francisco Inácio Peixoto demonstra o entusiasmo do pintor com a obra de Niemeyer em Cataguases, além de revelar detalhes sobre o pagamento da encomenda:

> Realmente é reconfortante poder ver alguma coisa extraordinária por estes Brasis. Estão vocês realizando ali algo que não vi em nenhuma parte do mundo. Em qualquer país civilizado seria formidável quanto mais neste país onde anda tudo desencontrado, onde tudo é improvisado e onde todos comumente dão palpites sobre todas as coisas. Recebi sua carta reafirmando a encomenda do mural. Esse colégio graças a inteligência de vocês e o gênio de Oscar será exemplo de arte e cultura.
> Já estou me enfronhando na história e ver o que é possível fazer com o nosso Tiradentes.
> OBS.: Recebi o cheque de quinze contos: os restantes cento e vinte poderão ser enviados da mesma maneira: dez contos por mês, como combinado
> (Cp FIP- Portinari, 1947) (SILVA, 2005).

Colégio Cataguases, Cataguases

A partir de meados da década de 1950, Niemeyer começa um processo de revisão crítica de sua obra com o uso de soluções formais mais concisas que fundem o partido arquitetônico à concepção da estrutura (QUEIROZ, 2007). É o caso do Hotel Tijuco e da Escola Estadual Professora Júlia Kubitschek, obras realizadas em Diamantina/MG, em que se optou nos dois casos por uma configuração de fachada inclinada que, à primeira vista, são semelhantes, contudo, estruturalmente têm soluções diferentes: no hotel a fachada é sustentada por pilares em "V" e na escola por mãos francesas.

Hotel Tijuco, Diamantina

Escola Estadual Professora Júlia Kubitschek, Diamantina

O domínio da escala e as articulações volumétricas propostas por Niemeyer encontraram seu exemplar mais significativo em Minas Gerais, no Conjunto Governador Juscelino Kubitschek (Conjunto JK), em Belo Horizonte, projeto elaborado em 1951. A iniciativa antecipou, inclusive, experiências de prédios de grandes dimensões realizados em outros países (SEGRE, 2012). O projeto surgiu como um empreendimento pioneiro, que respondia a um contexto de aumento populacional na cidade, ocorrido a partir dos anos de 1940. Era o início de um período de verticalização da capital, que se intensificou na década seguinte. Em resposta a esse contexto social, Niemeyer propôs a construção do conjunto.

O terreno escolhido para a construção pertencia ao governo de Minas Gerais, que o vendeu à iniciativa privada. O lote foi arrematado por Joaquim Rolla, empresário e idealizador do empreendimento. Entretanto, o então governador Juscelino Kubitschek estipulou que uma pequena parte do negócio continuasse pertencendo ao Estado.

O conjunto JK compreende dois blocos residenciais em forma de lâminas, dispostos ortogonalmente, construídos em concreto armado, e que ocupam, cada qual, um quarteirão inteiro. O projeto original previa uma ligação entre os blocos, que seria realizada por uma passarela sobre a rua, mas ela não foi construída. O Bloco A é sustentado por pilares em "W" enquanto o Bloco B possui grandes pilares, em "V". As vedações dos dois blocos são essencialmente em panos de vidro nas fachadas de maior dimensão, e de alvenarias cegas nas faces de menor dimensão. Destaca-se a multiplicidade de plantas de unidades habitacionais e usos previstos para o conjunto, com apartamentos de um a três quartos, andar corrido para escritórios, museu de arte moderna, lojas comerciais, padaria, mercado, terminal rodoviário, restaurante, boate, dentre outros usos. Essa concepção se alinhava à proposta de Le Corbusier de implementar uma solução que contemplasse "células mínimas de habitação com serviços complementares" (MACEDO, 2008, p. 246) em uma cidade vertical.

Em relação à construção, o início das obras estava previsto para janeiro de 1953, contudo houve muito atraso. Além disso, o prazo estipulado para a entrega não foi cumprido, a obra foi paralisada por diversas vezes por falta de recursos e por sucessivos aumentos de preço pelo empreendedor, sendo concluída apenas em 1975.

Edifício sede do Banco Mineiro da Produção, Belo Horizonte

Outra torre de edifício projetada por Niemeyer em Belo Horizonte foi a sede do Banco Mineiro da Produção (1953). O edifício foi construído na década de 1950, em um contexto de modernização e de reformas na região central de Belo Horizonte. O prédio foi implantado em um lote triangular de esquina. O arquiteto optou por eliminar o chanfro do terreno, arredondando o encontro entre as fachadas da esquina e compondo uma única superfície contínua, sem quinas aparentes. Essa solução para o tratamento da esquina, ainda que em escala menor, já havia sido empregada por Niemeyer no projeto do Banco do Brasil, em Juiz de Fora/MG, construído em 1941. Nos dois edifícios, o princípio da janela em fita extrapola a alvenaria e se transforma em panos de vidro dispostos em caixilhos metálicos, instalados de forma independente e descolados da estrutura em concreto armado.

A terceira torre de Oscar Niemeyer, construída em Belo Horizonte, e possivelmente a mais bem sucedida, é o edifício de apartamentos denominado Edifício Niemeyer (1954), situado na Praça da Liberdade, originalmente concebida para ser o centro do governo estadual. Implantado em um lote triangular, segundo o pesquisador Danilo Macedo, o edifício mais uma vez se opõe aos "agressivos ângulos agudos, porém agora num jogo de curvas em forma livre que domina todo o seu perímetro, especialmente marcado pelo ritmo dos brises horizontais de profundidade variável." (MACEDO, 2008, p. 251). O edifício, com pilotis em pilares de concreto aparente, possui fachadas que intercalam harmonicamente as janelas em fita com fechamentos cerâmicos encomendados ao artista plástico Athos Bulcão.

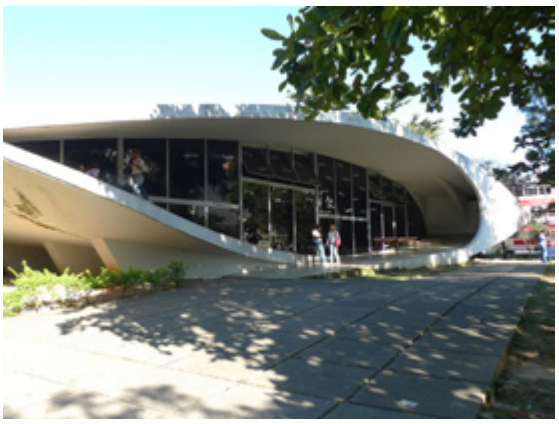
Banco do Brasil, Juiz de Fora

Edifício Niemeyer, Belo Horizonte/MG Detalhe do revestimento cerâmico do artista plástico Athos Bulcão. Foto de Jomar Bragança

A sinuosidade das formas curvas observada no Edifício Niemeyer também foi utilizada na proposta para a Biblioteca Pública de Minas Gerais (1955), que igualmente foi erguida junto à Praça da Liberdade, e que aponta para um diálogo formal entre as obras do arquiteto, implantadas em meio ao conjunto de prédios públicos ecléticos. A planta da biblioteca é composta por uma elipse tangenciada por uma longa forma sinuosa, que remete a um "S", em que as fachadas em panos de vidro se abrem para a praça.

Biblioteca Pública de Minas Gerais, Belo Horizonte

Ainda nos anos de 1950, Oscar Niemeyer projetou o emblemático edifício do Colégio Estadual Central em Belo Horizonte (1954). O conjunto é formado por cinco edifícios estruturados em concreto armado, com vedações em alvenaria de tijolos, cobogós de cimento e esquadrias de ferro e vidro. As edificações construídas para salas de aula, administração, cantina, caixa d'água e auditório articulam-se entre si e são nitidamente diferenciadas funcional e formalmente, remetendo simbolicamente a elementos do cotidiano escolar. O auditório é o elemento de maior plasticidade do conjunto, composto por duas lajes curvas, uma côncava, sobreposta por outra convexa, cuja forma final lembra um mata-borrão. A caixa d'água remete à uma caneta tinteiro. Segundo Danilo Macedo "a maestria na relação entre jogo de volumes e escala humana teria seu coroamento no projeto para o Colégio Estadual Central." (MACEDO, 2008, p. 257).



Colégio Estadual Central, Belo Horizonte. Bloco das salas de aula, à esquerda (Foto de Jomar Bragança), e auditório, à direita

Após esse primeiro período, nas décadas seguintes, Niemeyer concebeu alguns projetos em território mineiro, mas poucos foram executados. Paralelamente à escassez de obras em Minas Gerais, no cenário internacional estabeleceu-se uma crise da modernidade, com o questionamento dessa arquitetura e o recrudescimento do estilo.

Entre os anos de 1970 a 2000, somente dois projetos de Oscar Niemeyer foram executados em território mineiro. Um foi o Monumento a Tancredo Neves (1985), realizado em Juiz de Fora/MG, e que é uma escultura com efígie do político. A outra foi o Memorial Carlos Drummond de Andrade (1998), construído em Itabira/MG, e que abriga um acervo dedicado ao poeta mineiro.

No final dos anos 1990, Niemeyer projetou o Teatro Municipal de Uberlândia/MG (1998), que teve sua obra finalizada somente no ano de 2010. A demora entre o projeto e a conclusão da obra se deveu a muitos fatores. Em meio ao processo de contratação de Oscar Niemeyer, houve primeiro a desistência da execução da obra pela prefeitura e, posteriormente, a contratação de outro arquiteto. Contudo, diante das repercussões negativas dessa decisão, a prefeitura retomou a proposta de Niemeyer, que foi readequada diante da disponibilidade de novas tecnologias (SILVA, 2016).

Resolvida a questão do projeto, o teatro foi implantado em uma área de mais de 66 mil m², composto por um volume principal cilíndrico e outro de planta elíptica, ambos com fachadas praticamente cegas, conectados por um volume em prisma retangular revestido por paredes de vidro escuro. Os volumes têm pouca relação com seu entorno e as formas adotadas privilegiaram as relações funcionais do teatro e o acesso por automóveis (CARVALHO; BORDA, 2018), desconectando o edifício do seu ambiente. Por estar inserido numa esplanada, foi proposto que o fundo do palco do teatro se abrisse para essa grande área, possibilitando apresentações ao ar livre, com a elevação de parte da fachada da edificação. Assim o teatro assumiu uma dupla função: casa de espetáculos e palco para shows a céu aberto.

Uma das últimas obras do arquiteto projetadas e concluídas em Minas Gerais foi a Cidade Administrativa, em Belo Horizonte. Construída para abrigar a administração pública do Estado, a implantação contribuiu para induzir a expansão urbana do Vetor Norte da cidade. A obra foi inaugurada em 2010, e é composta por seis edificações principais. Em relação às formas, alguns autores apontam essa proposta como uma síntese das soluções arquitetônicas que Niemeyer produziu e implementou ao longo de sua carreira:

> De certo modo, encontra-se aí uma espécie de resumo da obra do arquiteto. Dois de seus traços fundamentais, pelo menos, estão presentes: a forma livre e o virtuosismo estrutural. A liberdade concedida à forma se manifesta nas curvas dos dois edifícios administrativos que se rebatem um sobre o outro. Já a exploração extremada da técnica moderna se mostra mais claramente no Palácio do Governo, que, com seus 146 metros de vão livre (mais ou menos o dobro do vão do Museu de Arte de São Paulo), é alardeado como o maior vão suspenso do mundo. Contando, como sempre, com a solidariedade de um grande engenheiro (José Carlos Sussekind), Niemeyer conseguiu realizar uma estrutura que só pode ser medida pela sua ousadia: 30 cabos de aço mantém em suspenso uma caixa de vidro de 4 pavimentos, que pende das vigas superiores. (NOBRE, 2012).

Cidade Administrativa, Belo Horizonte

Cidade Administrativa, Belo Horizonte

Por fim, em relação às obras de Oscar Niemeyer executadas em Minas Gerais, os dados levantados ao longo da pesquisa, mostraram que sua produção foi vasta e diversa e que ainda hoje, mesmo após a sua morte, permanecem em construção, o caso da Catedral Cristo Rei. Além disso, analisando a trajetória do arquiteto, é possível perceber momentos distintos de sua arquitetura e da expressão de sua linguagem ao longo do tempo. Como o próprio Niemeyer expressou, sua produção estaria dividida em cinco momentos: Pampulha, Brasília, sua atuação no exterior e seus últimos projetos (NIEMEYER, 1998, p. 260), e esses momentos acabam se refletindo em sua produção no Estado. A integração da arquitetura com o paisagismo e as belas artes, presente em muitas de suas obras, aponta para a riqueza e a expressão singular que a modernidade na arquitetura alcançou em Minas Gerais.

Isso é o que torna complexa e desafiadora a interpretação das diferentes fases de suas obras, do ponto de vista do patrimônio cultural.

c) A arte integrada à obra de Niemeyer

A concepção arquitetônica de Oscar Niemeyer, observada especialmente nos primeiros anos de sua produção, está intimamente relacionada ao movimento modernista brasileiro e com os preceitos que propunham um associativismo e um diálogo com as mais diversas artes. Como esclarecimento, o chamado movimento modernista brasileiro teve como marco inicial a Semana de Arte Moderna, realizada na cidade de São Paulo, no ano de 1922, caracterizando-se pela proposição de um rompimento com o passado e com os modelos elaborados até então (QUEIROZ; FREITAS, 2012). A realização da Semana expunha um conflito entre os padrões tradicionais vigentes e as novas tendências culturais e tecnológicas vivenciadas especialmente na Europa.

Nas artes, o movimento modernista propunha, de modo associativo, exposições com múltiplas linguagens, valorizando o novo entendimento da realidade do Brasil e do brasileiro, e a produção da arte com mudanças orientadas pela busca de uma linguagem atualizada e nacional. Juntamente com os novos rumos da produção industrial, as manifestações desse movimento foram marcadas pela experimentação e utilização de novos materiais e pela busca da conscientização da produção coletiva com caráter social. Nesse contexto, em 1924, Minas Gerais marcou a rota do modernismo das artes no Brasil ao ser visitada pelos precursores do movimento, em viagem denominada por Oswald de Andrade como "Viagem de descoberta do Brasil", onde reconheceram a região como local de referência da identidade nacional, de seu patrimônio histórico e de símbolo do passado.

O movimento contou com a participação de vários intelectuais, entre eles escritores, artistas plásticos, arquitetos e músicos. Na literatura nomes como Oswald de Andrade e Mário de Andrade foram expressivos, enquanto nas artes plásticas, Tarsila do Amaral, Cândido Portinari e Di Cavalcanti marcaram presença. Para o escritor e poeta Mário de Andrade, o propósito do movimento foi alcançado graças ao trabalho coletivo dos artistas (ANDRADE, 2002).

Na arquitetura, a arte integrada tornou-se uma característica marcante, trazendo para os projetos a necessidade de adequações para essa integração. Houve uma tendência modernista na redução e na supressão de ornamentos. No caso das obras de Niemeyer em Minas Gerais, ele criou projetos alinhados aos princípios modernistas e convidou para as artes aplicadas artistas plásticos engajados nas tendências modernistas e com diferentes abordagens nas suas manifestações.

Painel de Paulo Werneck, Colégio Cataguases

Fisicamente vinculados à arquitetura, observa-se o uso de grandes painéis de revestimento cerâmico nas artes associadas aos edifícios de Niemeyer. Esses painéis foram construídos em pastilhas ou azulejos, aplicados sobre as paredes e fachadas, sem molduras ou frisos e diretamente do piso ao teto, sem rodapés ou faixas junto ao forro. Niemeyer também idealizou o uso de painéis pictóricos de grandes dimensões com o objetivo de ornamentar amplas paredes nos espaços de uso coletivo.

Os projetos para os espaços abertos e para os jardins refletiam a síntese das artes para a arquitetura modernista, e nesse aspecto ele planejou esculturas de grande porte e estabeleceu parceria de sucesso com o arquiteto e paisagista Roberto Burle Marx em vários projetos.

Escultura "Pampulha". Autor: José Alves Pedrosa, Museu de Arte da Pampulha, Belo Horizonte

A opção pelo emprego da arte integrada nos projetos de Niemeyer se caracterizou, nas obras da Pampulha, como uma ação conjunta, negociada e discutida com os artistas e contratantes antes de sua execução. A análise dos projetos, publicados à época, mostra que os desenhos com o esboço ou o contorno das obras de arte já figuravam posicionados nas vistas de fachadas e nas plantas baixas. É o caso, por exemplo, de um traço que se assemelha à escultura "O abraço", de Alfredo Ceschiatti, em projeto elaborado para o Golf Club (atual Sede da Fundação Zoobotânica) (L`Architecture D`Aujurd`hui, 1947); o esboço de uma mulher que remete à escultura "Pampulha", de José Pedrosa, em projeto para a Casa do Baile (atual Centro de Referência de Urbanismo, Arquitetura e do Design) (GOODWIN, 1943); e também na maquete para o Colégio Estadual Central (atual Escola Estadual Governador Milton Campos), onde é possível identificar os contornos da obra escultórica "Copacabana", de Ceschiatti (PAPADAKI, 1956), no pátio, à frente do auditório, e à esquerda da entrada. A mesma situação se verifica com relação aos painéis pictóricos de grandes dimensões. Na planta do Iate Tênis Clube (GOODWIN, 1943), também há indicação dos locais planejados para o posicionamento das obras. Da mesma forma, na igreja de São Francisco, os principais elementos de arte integrada já constam na planta: os painéis do batistério em baixo-relevo de Ceschiatti, os quadros da Via Sacra e a pintura mural de Cândido Portinari (PAPADAKI, 1950).

Os artistas que trabalharam com Niemeyer na realização de obras de arte integrada vieram de diversas áreas de atuação e tinham em comum a busca de sua própria linguagem e dos ideais do modernismo na arte. No conjunto avaliado no levantamento do IEPHA/MG, grande parte das obras é de autoria de Cândido Portinari. Sua parceria com Niemeyer teve início com o projeto de construção do Ministério da Educação e Saúde Pública (MESP), em 1936, no Rio de Janeiro. Já em Minas Gerais, a obra mais antiga que identifica seu trabalho é a pintura denominada "Espantalho", de 1941, instalada no então Yacht Tenis Club de Belo Horizonte. A obra, de médias dimensões, curiosamente não corresponde à obra originariamente selecionada para ornar a edificação, conforme a publicação da época (GOODWIN, 1943) que indica um painel do artista Percy Deane para fazer par com a pintura de grandes dimensões "O Esporte", de Roberto Burle Marx, originariamente posicionados no salão principal, defronte à orquestra e dividindo os ambientes daquele espaço.

O artista e arquiteto paisagista Burle Marx também trabalhou em diversas parcerias com Oscar Niemeyer, sendo o responsável pelo paisagismo da residência de Francisco Inácio Peixoto, colecionador, escritor e mecenas das artes modernas na cidade de Cataguases/MG, do Colégio de Cataguases (atual Escola Estadual Manuel Inácio Peixoto) e da Igreja de São Francisco e da Casa de Juscelino Kubitschek, na Pampulha. No universo das obras de arte integrada à arquitetura modernista, o artista pintou o painel de grandes dimensões "O esporte" para o Iate Tênis Clube, que hoje convive com o "Espantalho" de Portinari.

Detalhe do painel "O esporte". Autor: Burle Marx, late Tênis Clube, Belo Horizonte

A produção de Portinari no Estado de Minas Gerais foi marcante em vários aspectos: no volume da produção, na diversidade das obras e materiais, na parceria com diferentes artistas, nas polêmicas geradas pela inovação técnica e no estilo de representação. O melhor exemplo desta significância é materializado nos elementos artísticos integrados da Igreja São Francisco de Assis, na Pampulha. Ali, os painéis de azulejos existentes na fachada, revestimentos de púlpito, batistério, supedâneos e guarda-corpo do coro foram pintados em parceria com a Osirarte, de São Paulo, ateliê de cerâmica fundado por Paulo Rossi Osir para atender à encomenda de Portinari. Este ateliê e a produção dos azulejos para a Igreja São Francisco contaram com a participação de artistas de renome, como Alfredo Volpi e Mário Zanini. Na execução dos painéis também participou o artista Athos Bulcão que, no ano de 1945, como estagiário no ateliê de Portinari no Rio de Janeiro, trabalhou como assistente na execução dos azulejos que representam São Francisco de Assis.

Informações do Projeto Portinari (PROJETO PORTINARI), que disponibiliza dados e imagens de todo o acervo do artista, mostram correspondências trocadas entre ele e os envolvidos na construção dos elementos artísticos integrados para a igreja da Pampulha, com ricas descrições e imagens dos projetos ou das maquetes (como são identificados os desenhos que antecederam as obras), de problemas encontrados no percurso da execução das obras e de etapas significativas de sua produção. Cartas trocadas entre Paulo Rossi Osir e Portinari ilustram os vários desafios apresentados na execução das obras e os problemas técnicos de dimensionamento dos azulejos pintados com cenas da vida de São Francisco na fachada posterior do edifício.

Vista interna da Igreja São Francisco de Assis com seus elementos artísticos integrados.
Autor: Cândido Portinari, Igreja São Francisco de Assis, Belo Horizonte

Para a pintura mural do altar da Igreja São Francisco, também numa apresentação polêmica para a sociedade da época, o artista teve como assessores seu ex-aluno José Machado Morais e o pintor, gravador e ilustrador Tomás Santa Rosa, ambos contratados pela prefeitura municipal.

O escultor Ceschiatti participou da execução das obras da Igreja São Francisco de Assis, tendo Oscar Niemeyer encomendado a ele quatro painéis em baixo-relevo com a história de Adão e Eva. Com esta obra, o artista recebeu como prêmio uma viagem à Europa e, no seu retorno ao Brasil, executou a escultura "O abraço", atualmente localizada no jardim posterior do Museu de Arte da Pampulha. Essa obra, de temática polêmica para a época, teve um percurso atribulado, sendo originariamente executada para o antigo Golf Club da Pampulha, mas transferida, em diferentes épocas, para diferentes locais. Também Ceschiatti, em 1955, executou a escultura de grandes dimensões "Copacabana" para o então Colégio Estadual Central, outra obra também contestada em sua época e vítima de depredações ao longo do tempo.

Para a ornamentação das fachadas externas da igreja, Oscar Niemeyer convidou o artista e seu colega de colégio, Paulo Werneck, que, em 1942, havia executado os mosaicos do terraço-jardim do edifício do Instituto Resseguro do Brasil, no Rio de Janeiro. Em Belo Horizonte, este artista também produziu o painel em mosaico cerâmico que ocupa a área de lazer na residência de Juscelino Kubitschek, na Pampulha, onde atualmente funciona o Museu Casa de JK. Neste local, a ornamentação com elementos artísticos integrados contou também com um painel de azulejos pintados de autoria de Mário Zanini e Alfredo Volpi, executados pelo atelier Osirarte, de Paulo Rossi Osir.

Escultura "O abraço", Autor: Alfredo Ceschiatti,
Museu de Arte da Pampulha, Belo Horizonte

Escultura "Mulher reclinada", Autor: Alfredo Ceschiatti,
Escola Estadual Governador Milton Campos, Belo Horizonte

A obra de arte integrada contratada para o jardim frontal do Cassino (atual Museu de Arte da Pampulha) foi a escultura feminina de grande porte, de Augusto Zamoyski, artista polonês e professor de artes residente no Rio de Janeiro, onde a obra foi projetada em seu ateliê-escola. Sobre esta obra, em entrevista ao autor e arquiteto Ricardo Lana (2009) no livro Arquitetos da Paisagem, o escultor mineiro José Pedrosa afirma que "Zamoyski esculpiu apenas uma maquete minúscula da escultura" e que ele, Pedrosa, teria ampliado e fundido a obra nas proporções que lá estão, na condição de operário do artista.

Convidado por Niemeyer, José Pedrosa foi contratado pela Prefeitura de Belo Horizonte para executar a "Estátua do Baile", conforme documentação deste órgão e desenho da escultura no projeto para a "Casa do Baile", que à época foi identificada nas revistas de arquitetura como "Restaurante da Pampulha" ou "Ilha-Restaurante". A obra, hoje, se encontra no jardim frontal do Museu de Arte da Pampulha. De sua autoria também é a escultura "Anjo" que, conforme relato do artista, seria originariamente projetada para a Igreja São Francisco de Assis e não foi feita à época. Em 2002, a elaboração desta escultura foi, então, contratada pela Prefeitura de Belo Horizonte e sua execução reiniciada pelo artista. Outra peça de sua autoria é a escultura moldada em material pétreo "Duas figuras femininas", na residência de Francisco Inácio Peixoto, situada no jardim projetado por Burle Marx.

Nessa mesma residência, em Cataguases, convive a obra de outro escultor estrangeiro, Jan Zach, que teve contato com o Brasil a partir da Exposição Mundial de Nova Iorque (1939), onde foi o responsável pela organização do pavilhão de seu país, e onde conheceu Portinari, responsável pelo pavilhão do Brasil. A convite de Juscelino Kubitschek, então prefeito da cidade, o artista expôs em Belo Horizonte, entre os anos de 1944 e 1945, telas produzidas em Minas Gerais com temática relacionada à cidade de Congonhas do Campo e aos mineiros da mina de Morro Velho. Morou em São Paulo, no Rio de Janeiro e na cidade mineira de Cataguases, a convite de Francisco Inácio Peixoto,

Painel em azulejos, Autor: Paulo Werneck, Casa Juscelino Kubitschek, Pampulha, Belo Horizonte

onde fez a escultura "O pensador", situada no pátio de entrada do Colégio Cataguases, outra das edificações de Niemeyer em Minas, conforme mencionado ao longo deste texto.

As obras de arte integradas planejadas para o então Colégio Cataguases foram o painel de grandes dimensões de autoria de Paulo Werneck, em mosaico de pastilhas cerâmicas estruturadas na fachada frontal do prédio, e o painel "Tiradentes", uma das mais célebres obras de Cândido Portinari. Este painel, em pintura sobre tela de 18 m de comprimento por 3 m de altura, foi encomendado por Francisco Inácio Peixoto ao artista por indicação do arquiteto Oscar Niemeyer e, em 1975, comprado pelo Governo do Estado de São Paulo, ficando hoje exposto no Memorial da América Latina, na capital paulista. Em seu lugar foi colocada uma réplica do mesmo tamanho.

No ano de 1961, na construção do Pampulha Iate Clube, Portinari foi mais uma vez convidado a criar obras de arte para a decoração de espaços comuns deste prédio. Foi executada a pintura "Frevo", em óleo sobre madeira, e o painel em azulejos "Peixes". Fotografias de jornais do clube (JORNAL DO PIC, 1985) indicam que as obras eram originariamente posicionadas em espaços no interior do salão de festas da Sede Campestre. Hoje, ambas estão deslocadas: o painel de azulejos foi transferido para área externa, junto à portaria, e a pintura "Frevo" está situada na recepção da sede administrativa. Segundo o site do Projeto Portinari, as obras "Frevo" e "Peixes" constituem dois dos três últimos painéis realizados pelo artista, juntamente com o painel Guerra e Paz.

Escultura "Pensador". Autor: Jan Zach, Colégio Cataguases, Cataguases

O artista Emiliano Di Cavalcanti também executou pinturas de grandes dimensões para as edificações de Niemeyer em Minas. No ano de 1954, pintou um painel para a Escola Estadual Júlia Kubitschek, em Diamantina/MG, e em 1953 a "Cena de garimpo" para o edifício Sede do Banco Mineiro da Produção, em Belo Horizonte. Este edifício também abrigou o painel do artista mineiro Mário Silésio de Araújo Milton, e a pintura de grandes dimensões "Guerra dos Emboabas", do artista argentino Carybé. Atualmente, as obras "Cena de garimpo" e "Guerra dos Emboabas" integram o acervo do Museu Mineiro, em Belo Horizonte.

A partir dos levantamentos realizados, observa-se a intrínseca relação da arquitetura de Niemeyer com o paisagismo e as belas artes, além do amplo relacionamento do arquiteto com artistas nacionais e internacionais de grande expressão no contexto modernista. E esse legado artístico ainda se encontra em território mineiro, apesar de algumas obras terem sido transferidas do seu local de origem para outros edifícios ou estados.

Artistas citados:

Alfredo Ceschiatti (Belo Horizonte/MG, 1918 – Rio de Janeiro/RJ, 1989)
Alfredo Volpi (Lucca/Itália, 1896 – São Paulo/SP, 1988)
Athos Bulcão (Rio de Janeiro/RJ, 1918 – Brasília/DF, 2008)
August Zamoyski (Jablon/Polônia, 1983 – St. Clair de Rivière/França, 1970)
Cândido Portinari (Brodósqui/SP, 1903 – Rio de Janeiro/RJ, 1962)
Carybé (Lanús/Argentina, 1911 – Salvador/BA, 1997)
Emiliano Di Cavalcanti (Rio de Janeiro/RJ, 1897 – Idem, 1976)
Jan Zach (Slany/ Tchecoslováquia,1914 – Oregon/Estados Unidos,1986)
José Machado Morais (Rio de Janeiro/RJ, 1921 - São Paulo/SP, 2003)
José Pedrosa (Rio Acima/MG, 1915 – Belo Horizonte/MG, 2002)
Mário Silésio de Araújo Milton (Pará de Minas/ MG, 1913 - Belo Horizonte/MG, 1990)
Mário Zanini (São Paulo/SP, 1907 – Idem, 1971)
Paulo Rossi Osir (São Paulo/SP, 1890 – Idem,1959)
Paulo Cabral da Rocha Werneck (Rio de Janeiro/RJ, 1907 – Idem, 1987)
Percy de Mello Deane (Manaus/AM, 1921 - Rio de Janeiro/RJ, 1994)
Tomás Santa Rosa (João Pessoa/PB,1909 - Nova Délhi/Índia, 1956)

Pintura "Frevo". Autor: Cândido Portinari, Pampulha Iate Clube, Belo Horizonte

Painel sem título, Autor: Emiliano Di Cavalcanti,
Escola Estadual Júlia Kubitschek

Painel Abstrato, Autor: Mário Silésio,
Banco Mineiro da Produção, Belo Horizonte

Edifício sede do Banco Mineiro da Produção
Belo Horizonte

Considerações finais

Oscar Niemeyer, ao longo de sua vida, tornou-se um arquiteto de importância e reconhecimento mundial. Com talento e trabalho, Niemeyer foi um dos precursores de um novo modelo de arquitetura. Nesse caminho, Minas Gerais marcou sua trajetória, sendo um terreno fértil para a experimentação e o desenvolvimento de sua genialidade. Em terras mineiras, Niemeyer propôs a substituição de uma identidade fortemente associada ao barroco, ao rococó e aos modelos construtivos típicos do ecletismo, por um viés que exaltava a produção tecnológica nacional, com novas formas de viver, em um modelo de sociedade que buscava o "progresso". Gradativamente Niemeyer apresentou ao país o Modernismo como uma proposta para a identidade nacional do presente e do futuro das cidades. Balizado nesses preceitos, sua arquitetura tornava-se, assim, um símbolo do progresso tão almejado por governantes e intelectuais da época.

Niemeyer foi um gênio de uma inventividade e capacidade incansáveis, propondo, desde o início da sua carreira, uma arquitetura "total", na qual o paisagismo e todas as diversas expressões artísticas estivessem representadas e unidas. Realizou em suas obras espacialidades criativas e grandiosas, plasticamente harmônicas e tecnologicamente inovadoras, desafiando os limites da engenharia com formas esbeltas e seus grandes vãos livres. Revolucionou o cenário arquitetônico moderno imprimindo sua marca não somente em Minas Gerais, mas em Brasília e no mundo.

A carreira longeva de Niemeyer o levou muitas vezes a refletir sobre o "fazer arquitetônico", transformando seu traço, e com ele, inaugurando novas fases em seu ofício. Seus ensinamentos perduram até os dias atuais e influenciam os arquitetos contemporâneos a serem inovadores. As experimentações realizadas por Niemeyer na arquitetura são referências no cotidiano tecnológico, plástico, criativo e inovador. Talvez seja esse o maior legado deixado por ele para a atualidade e para as gerações futuras. Por esse motivo, a importância de pesquisar suas obras e projetos, entendendo-os como um conjunto de bens culturais que representam valores da sociedade mineira e brasileira.

O estudo realizado pelo IEPHA/MG dos projetos e obras do arquiteto Oscar Niemeyer em Minas Gerais foi um passo nesse sentido. O inventário buscou documentar sua produção arquitetônica, incluindo também as artes integradas às suas obras. A pesquisa buscou compreender sua relação com outros profissionais no contexto do desenvolvimento da arquitetura moderna em Minas. Como em todo inventário do patrimônio cultural, o que se documentou neste estudo é uma fração do bem cultural, um recorte marcado no tempo e no espaço. Aliás, como ferramenta dinâmica, é função do inventário estar em constante atualização. Suas informações são e devem ser passíveis de serem revistas ou complementadas, a partir de outras pesquisas e novas evidências. Mais uma vez, a proposta deste caderno é um convite para um olhar sobre as obras e projetos de Niemeyer em Minas Gerais.

Biblioteca Pública de Minas Gerais, Belo Horizonte,MG
Foto de Jomar Bragança

Relação de projetos, obras e elementos artísticos integrados às edificações[2]

PROJETOS EDIFICADOS

Município	Bem Cultural	Elementos artísticos
Belo Horizonte	Biblioteca Pública de Minas Gerais*	-
	Catedral de Belo Horizonte (Catedral Cristo Rei)	-
	Cidade Administrativa	-
	Conjunto Governador Kubitschek (Conjunto JK)*	-
	Edifício Niemeyer*	-
	Edifício Sede do Banco Mineiro da Produção*	Painel Abstrato*
	Escola Estadual Governador Milton Campos (Escola Estadual Central)*	Escultura Mulher reclinada*
	Pampulha - Casa de Juscelino Kubitschek*	Mosaico* Painel de azulejos*
	Pampulha - Casa do Baile*	-
	Pampulha - Golfe Clube da Pampulha (Sede da Fundação Zoobotânica)*	-
	Pampulha - Iate Tênis Clube*	Painel Espantalho* Painel O Esporte*
	Pampulha - Igreja São Francisco de Assis*	Escultura Anjo* Painel azulejar do batistério* Baixo relevo em bronze do batistério* Batistério / Confessionário* Guarda-corpo do coro* Mosaico fachadas laterais* Mural fachada posterior* Pia Batismal* Painel capela-mor* Púlpito* Supedâneo* Via Sacra (14 estações)* Via Sacra (Pinturas religiosas)*
	Pampulha - Museu de Arte da Pampulha*	Escultura O Abraço* Escultura Nu* Escultura Pampulha*
	Pampulha - Pampulha Iate Clube - PIC*	Mural Peixes* Pintura Frevo*
	Pampulha - Residência Alberto Dalva Simão*	-
	Residência João Lima de Pádua*	-

Município	Bem Cultural	Elementos artísticos
Cataguases	Colégio Cataguases*	Mosaico* Escultura Pensador*
	Residência de Francisco Inácio Peixoto*	Escultura Mulher* Escultura Mulheres*
Diamantina	Clube Social Praça de Esportes*	-
	Escola Professora Júlia Kubitschek*	Painel*
	Hotel Tijuco*	-
Itabira	Memorial Carlos Drummond de Andrade*	-
Juiz de Fora	Edifício Sede do Banco do Brasil*	-
	Monumento a Tancredo Neves	-
Ouro Preto	Hotel Ouro Preto*	-
Uberlândia	Teatro Municipal de Uberlândia*	-

PROJETOS ATRIBUÍDOS

Município	Bem Cultural
Belo Horizonte	Casa no Bairro Mangabeiras (Palácio Mangabeiras)
	Lactário*
	Posto de Saúde das Pioneiras Sociais
	Pampulha - Clube Libanês*
Caratinga	Coreto Ronaldinho Calazans*
Conceição do Mato Dentro	Monumento Santuário do Senhor Bom Jesus de Matozinhos
Diamantina	Faculdade de Odontologia de Diamantina*

PROJETOS NÃO EDIFICADOS

Município	Bem Cultural
Arinos	Cidade Marina/Colônia Agropecuária do Menino
Belo Horizonte	Academia de Letras de Minas Gerais
	Centro Cultural da Caixa Econômica Federal
	Escola Guignard
	Escola Profissional de Belo Horizonte
	Monumento a Juscelino Kubitschek/Anexo Museu
	Monumento em comemoração ao centenário de Belo Horizonte
	Pampulha - Hotel da Pampulha
	Pampulha - Hotel da Pampulha
	Prédio do Governo de Minas Gerais (Assembleia)
Betim	Associação dos Cavaleiros da Cultura
	Centro administrativo de Betim
Conceição do Mato Dentro	Residência de José Aparecido de Oliveira
Diamantina	Aeroporto
Montes Claros	Capela ecumênica Darcy Ribeiro
	Centro Cultural e Esportivo de Montes Claros
	Museu de História Natural
	Museu do Homem
Sete Lagoas	Universidade de Sete Lagoas

PROJETOS DEMOLIDOS

Município	Bem Cultural
Belo Horizonte	Parque de Exposições da Gameleira
	Residência Pedro Aleixo
	Teatro Municipal de Belo Horizonte

NOTA

2. As fichas de inventário foram elaboradas para os itens marcados com (*).

Escola Estadual Júlia Kubitschek
Diamantina,MG

Referências

ANDRADE, Mário de. Aspectos da literatura brasileira. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

ARAÚJO, Guilherme Maciel (org.). Roteiros arquitetônicos Casa do Baile: Oscar Niemeyer em Belo Horizonte. Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura, 2013.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, 1988.

CARVALHO, L. M. G.; BORDA, L. E. S. Objeto e espaço: análise da proposta de Oscar Niemeyer para o Teatro Municipal de Uberlândia. Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente, v. 3, n. 3, 2018. DOI: 10.21680/2448-296X.2018v3n3ID16540.

CHUVA, Márcia. Fundando a nação: a representação de um Brasil barroco, moderno e civilizado. Topoi, v. 4, n. 7, 2003, p. 313–333.

COMAS, Carlos Eduardo Dias. O passado mora ao lado: Lúcio Costa e o projeto do Grand Hotel de Ouro Preto, 1938/40. Arquitextos, nº 122.00, ano 11, jul. 2010.

CORREIO DA MANHÃ. Operação Marina: Uma civilização em marcha para um destino glorioso. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 23 set. 1956, Edição 19479 (2), p. 9.

DAMASCENO, Renan; RIBEIRO, Luiz. Marina: o sonho de Niemeyer no sertão mineiro que a ditadura abafou. Jornal Estado de Minas, Belo Horizonte, set. 2017. Disponível em: <https://www.em.com.br/especiais/cidademarina/> Acesso em: 10 mar. 2023.

DIÁRIO DA TARDE. BH vai ganhar um novo projeto de Oscar Niemeyer. Diário da Tarde, Belo Horizonte, 18 set. 1995, Caderno 2, p. 13.

FUNDAÇÃO OSCAR NIEMEYER (Brasil). Fundação Oscar Niemeyer. Disponível em: <https://www.oscarniemeyer.org.br/>. Acesso em: 20 fev. 2023.

GOODWIN, Philip L. Brazil Builds: architecture new and old 1652-1942. New York: Museum of Modern Art, 1943.

IEPHA/MG. Cataguases: Escola Estadual Manuel Inácio Peixoto avaliação para tombamento - 1993 a 1997. Belo Horizonte, 1997.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 29 ago. 1995, p. 9. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/030015_11/149272>. Acesso em: 16 de out. 2019.

JORNAL DO PIC. Belo Horizonte, Ano 12, nº 86, 1985.

L`ARCHITECTURE D`AUJURD`HUI, Bresil, nº 13 e 14, 1947.

LUCCAS, Luís Henrique Haas. Arquitetura moderna e brasileira: o constructo de Lucio Costa como sustentação. Arquitextos. nº 063.07, ano 06, set. 2005. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.063/437>. Acesso em: 13 fev. 2023.

MACEDO, Danilo Matoso. Da matéria à invenção: as obras de Oscar Niemeyer em Minas Gerais, 1938-1955. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2008.

MENICONI, Evelyn. Monumento para quem? Bem informado. Belo Horizonte: IEPHA/MG, mar. 2009, nº 18. p.10. Disponível em: <http://www.iepha.mg.gov.br/images/com_arismartbook/download/48/18Marco2009.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2023.

MÓDULO BRASIL ARQUITETURA. Conjunto Governador Kubitschek. Módulo Brasil Arquitetura, Rio de Janeiro, Edição 01, 1955, p. 14-15. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/006173/15. Acesso em: 30 mar. 2023.

MÓDULO BRASIL ARQUITETURA. Cidade Marina. Módulo Brasil Arquitetura, Rio de Janeiro, Edição 18, 1960, p. 16-18. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/006173/1826. Acesso em: 09 fev. 2023.

NIEMEYER, Oscar. As curvas do tempo: memórias. Rio de Janeiro: Revan, 1998.

NIEMEYER, Oscar. Conversa de Arquiteto. Rio de Janeiro: 1993.

NIEMEYER, Oscar. Hotel da Pampulha. Arquitetura e Engenharia, Belo Horizonte, v.1, n.3, 1946, p. 17-19.

NOBRE, Ana Luiza. Niemeyer e a modernidade sem crise. Arquitextos, São Paulo, ano 13, n. 151.02, dez. 2012. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/13.151/4605>. Acesso em 27 fev. 2023.

PAPADAKI, Stamo. Oscar Niemeyer: works in progress. New York (Estados Unidos): Reinhold Publishing Corporation, 1956.

PAPADAKI, Stamo. The work of Oscar Niemeyer. New York: Reinhold, 1950.

PORTO, Cláudia Estrela. Soluções estruturais na obra de Oscar Niemeyer. Paranoá, n. 15, 2015.

Projeto Portinari. Disponível em: <http://www.portinari.org.br/#>. Acesso em: 12 fev. 2023.

QUEIROZ, R.; FREITAS, M. L. Dos movimentos modernizantes ao espírito novo: arquitetura brasileira após a Semana de Arte Moderna. Revista USP, nº 94, 2012, p. 93-106.

QUEIROZ, Rodrigo Cristiano. Oscar Niemeyer e Le Corbusier: encontros. Tese (Doutorado - FAUUSP). São Paulo, 2007.

SEGRE, Roberto. Oscar Niemeyer. Tipologias e liberdade plástica. Arquitextos, São Paulo, ano 13, n. 151.01, Vitruvius, dez. 2012. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/13.151/4604>. Acesso em 23 fev. 2023.

SILVA, Eloisa Castro. As representações do Colégio de Cataguases e de suas práticas educativas nas memórias de seus ex-alunos (década de 1950). Dissertação (Mestrado - Universidade Estácio de Sá). Rio de Janeiro, 2005.

SILVA, Fernanda Torquato Braga. Entre retas e curvas: realização de um documentário audiovisual sobre a história do Teatro Municipal de Uberlândia e seu papel na disseminação da cultura. Dissertação (Mestrado em Tecnologias, Comunicação e Educação - Universidade Federal de Uberlândia). Uberlândia, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/17982>. Acesso em: 16 de out. 2019.

ZANCHETI, Silvio Mendes. A teoria contemporânea da conservação e a arquitetura moderna. In: Textos para Discussão. Olinda: Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada, 2014. v. 58.

Biblioteca Pública de Minas Gerais,
Belo Horizonte
Foto de Jomar Bragança

Equipe técnica

Comissão Editorial IEPHA/MG

Editor-Chefe:
Luis Gustavo Molinari Mundim

Membros executivos:
Andréa Santos Xavier, Alexander Alves Ribeiro, Antonia Cristina de Alencar Pires, Isa Maria Marques de Oliveira.

Membros consultivos:
Adalberto Andrade Mateus, Ana Eliza Soares de Souza, Ana Paula Trindade Gomes, Daniele Gomes Ferreira

Cadernos do Patrimônio Cultural: O modernismo de Oscar Niemeyer em Minas Gerais

Organização e coordenação:
Daniele Gomes Ferreira, Luis Gustavo Molinari Mundim

Elaboração e adaptação dos textos:
André de Sousa Miranda, Daniele Gomes Ferreira, Luis Gustavo Molinari Mundim, Yukie Noce Watanabe

Colaboração:
Bruno Fioravante, Maria Clara Lara Ferreira

Revisão de texto e normalização:
Andréa Santos Xavier, Antonia Cristina de Alencar Pires

Revisão final:
Daniele Gomes Ferreira e Isa Maria Marques de Oliveira

Fotografias:
Acervo IEPHA/MG, Arquivo Público Mineiro - APM, Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte - APCBH, Jomar Bragança - fotos gentilmente cedidas (capa, contracapa, p. 6, 14, 20, 33, 35, 39, 40, 54, 62, 64)

Diagramação e adaptação do projeto gráfico:
Guilherme Guedes Jabour (CAU/MG)

Inventário Cultural dos projetos e obras de Oscar Niemeyer em Minas Gerais

Coordenação:
Luis Gustavo Molinari Mundim

Equipe técnica:
André de Sousa Miranda, Bruno Fioravante, Valéria Tavares Pezzini, Yukie Noce Watanabe

Estagiárias:
Letícia Vasconcellos, Maria Clara Lara Ferreira

Casa do Baile - Pampulha, Belo Horizonte
Foto de Jomar Bragança

GOVERNADOR DO ESTADO DE MINAS GERAIS
Romeu Zema Neto

VICE-GOVERNADOR DO ESTADO DE MINAS GERAIS
Mateus Simões de Almeida

SECRETÁRIO DE ESTADO DE CULTURA E TURISMO DE MINAS GERAIS
Leônidas Oliveira

SECRETÁRIA DE ESTADO ADJUNTA DE CULTURA E TURISMO DE MINAS GERAIS
Milena Pedrosa

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS

PRESIDENTE
Marília Palhares Machado

DIRETORA DE PROTEÇÃO E MEMÓRIA
Débora Raíza Silva

DIRETORA DE CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO
Luciane Andrade Resende

DIRETORA DE PROMOÇÃO
Alessandra Deotti e Silva

DIRETOR DE PLANEJAMENTO, GESTÃO E FINANÇAS
Daniel Fernandes de Abreu Silva

CONSELHO DE ARQUITETURA E URBANISMO DO ESTADO DE MINAS GERAIS

PRESIDENTE
Maria Edwiges Sobreira Leal

VICE-PRESIDENTE
Ademir Nogueira de Avila

COORDENADOR DA COMISSÃO DE PATRIMÔNIO CULTURAL
Sergio Luiz Barreto Campello Cardoso Ayres

Esta publicação foi composta em Myriad Pro sobre papel
Couché fosco 115 /m² para o Instituto Estadual do Patrimônio
Histórico e Artístico de Minas Gerais.